

Lêgerin

Insistir na humanidade é insistir no socialismo

NÚMERO 17
JUNHO AGOSTO 2025

O QUE É QUE IMPEDE OS JOVENS DE SE ESFORÇAREM?



EDITORIAL

Após o apelo por Paz e Sociedade Democrática feito por Abdullah Öcalan, novos desenvolvimentos no processo político ocorreram na Síria, com passos práticos dados para proteger a sociedade civil e deter os ataques do Estado turco. Apesar dos contínuos ataques por mercenários e drones turcos, a Administração Autônoma insistiu em encontrar soluções para um futuro democrático para o país. Isto não é uma utopia, mas sim a realidade atual no norte da Síria. Não é resultado de cálculos geopolíticos das potências imperialistas, mas sim um reflexo da sua derrota. É fruto de uma luta heróica de um povo unido, organizado e em resistência permanente.

Os desenvolvimentos positivos na Síria também representam o apelo do líder do povo Abdullah Öcalan: nada pode impedir uma sociedade democrática, organizada em todos os níveis e autoconsciente, de trazer paz ao caos da Terceira Guerra Mundial. Após semanas a insistir no caminho da guerra, o Estado turco está agora forçado a dar passos concretos rumo a uma resolução política e jurídica da questão curda.

O apelo de Öcalan é uma mensagem para todas as sociedades ao redor do mundo: desenvolvam as vossas próprias organizações, as vossas próprias políticas democráticas, a vossa própria vontade! As suas mensagens de 8 de março e na marcha até Amara (a vila onde Abdullah Öcalan nasceu) oferecem direções para mulheres e jovens ao redor do mundo, representando a vanguarda da mudança social.

Nesta nova edição da Lêgerîn queremos perguntar: que obstáculos nos impedem, como jovens mulheres e homens, de usar todo o nosso potencial? Quais são os problemas que enfrentamos diariamente e que nos impedem de trilhar o nosso caminho rumo à liberdade? Como diz Öcalan em sua mensagem à juventude: “Socialismo significa sociedade, comunalismo. Socialismo

A marcha da juventude é uma marcha rumo à liberdade

significa socialização. Isso se chama política comunal e socialista. Isso se alcança com organização. Organizar é a tarefa mais importante.” Tudo aquilo que nos impede de viver uma vida comunal e de estarmos organizados deve ser visto como ataques do sistema para nos isolar e enfraquecer. Drogas, depressão, mentalidade sexista, insegurança econômica, estilos de vida liberais... todos são sintomas da ofensiva do sistema contra o espírito revolucionário da juventude.

Por isso queremos compartilhar convosco, com uma perspectiva de cada continente, os problemas que os jovens enfrentam nas suas vidas diárias, mas também as soluções concretas que estão a ser implementadas: uma casa de aprendizagem baseada nas ideias do líder do povo Öcalan e da Jineoloji na Papua, um retorno à terra e a construção de cooperativas no Quênia, uma assembleia de bairro no Chile, a resistência contra o exílio forçado na Sicília e a auto-organização dos Conselhos da juventude em Rojava, por toda a Síria.

Diante da Terceira Guerra Mundial, vamos fortalecer a nossa unidade, a nossa organização e a nossa determinação como jovens. A marcha da juventude rumo à liberdade é imparável!

Revista Lêgerîn

A ilustração da capa é da autoria de Alexandra Lêgerîn. Agradeço-lhe por este trabalho e agradeço a todos os ilustradores.

A fotografia para a contracapa foi tirada durante a revolta dos jovens nos últimos meses por Gavriilo Andrić, um jovem estudante sérvio. Muito obrigado a ele!



Índice.

Editorial e Índice

Rumo a uma vida livre

Abdullah Öcalan

A autodefesa organizada

Perspetiva das Jovens Mulheres Internacionalistas

Hoje, mais do que nunca: Se não for agora, quando?

Perspetiva da Juventude Internacionalista

O que é que impede os jovens de se esforçarem?

Introdução ao dossier

O percurso de um jovem queniano

Wachira Nyaga

A juventude combatente do nosso tempo

Assembleia Territorial de Juan Antonio Ríos

Casa de aprendizagem: Liru Kunume

Rio Kogoya

Contra o exílio forçado, a resistência juvenil na Sicília

Spine nel Fianco

2	Meu Princípio Básico é uma Vida Magnífica com Você!	
	Carta de Abdullah Öcalan em 8 de março	26
4	A juventude e a revolução na nova Síria	
	Entrevista com Nadiya Yusif	28
8	A libertação coletiva da jovem mulher	
11	Mizgîn Avzem	32
	Combata o liberalismo!	
	Paolo Barontini	36
14	Uma viagem à comunidade zapatista	
	Collectivo caracteresnoexistentes	40
15	A mártir da luz - Şehîd Ronahî Yekta	
	Pelîn Zozan	43
18	O que aconteceu na História	46
21	Juventude em Ação	48
24	Capernaum - A Cidade da Esperança - Filme	50

O QUE É QUE IMPEDE OS JOVENS DE SE ESFORÇAREM?

RUMO A UMA VIDA LIVRE

Que tipo de morte eu sou contra
e que tipo de vida eu rejeito?

Avaliação de Abdullah Öcalan feita na década de 1990

Grandes revoluções não surgem entre civilizações avançadas. Aqueles que não precisam lutar por sua posição não sentem necessidade de fazer uma revolução. Até onde me lembro, me conheço como uma pessoa que tem dificuldade de gostar de si mesma. Mesmo as pessoas que represento – ou tento representar – eu não poderia e não posso aceitar como elas são. Quando me lembro da minha infância, a primeira coisa que me vem à mente é a minha atitude de rejeição. Essa forte rejeição não existe apenas no nível emocional. É antes uma não aceitação das razões e circunstâncias que causam a queda profunda de uma comunidade. Esse fato moldou o desenvolvimento da minha personalidade, primeiro na minha família e na aldeia, e depois mais tarde na minha vida. Ainda hoje não consigo aceitar essas pessoas e sua população: elas se encontram em uma situação simplesmente inaceitável. O resultado é algo muito repulsivo, uma letargia severa, uma derrota severa.

Quando compartilho minhas memórias, as coisas podem se tornar mais fáceis de entender. Que infelicidade vinda dessas pessoas. Uma infelicidade também, vir desta aldeia, desta família. Digo isso não para caluniar ou desvalorizar minha própria realidade, mas para revelar minha história. Os revolucionários devem ser leais à sua própria realidade. Como alguém que perdeu o contato com a própria realidade pode ser um revolucionário? Não é preciso questionar completamente a humanidade dessa pessoa? Quando reconheci minha realidade desastrosa durante minha infância, fiz a mim mesmo perguntas típicas: Posso me salvar? Posso me rejeitar? Sonhos



de criança... Então desejei ter outra família, pertencer a outra nação. Se ao menos meus pais fossem diferentes! Se eu tivesse nascido em outra sociedade!

Lembro-me de que muitas vezes tive essas perguntas e pensamentos. Mas em algum momento percebi que não havia escapatória, que não devia haver escapatória. A única coisa decisiva foi o fato básico... Os sonhos e desejos de ser diferente não tiveram permissão para desempenhar um grande papel. O que se pode fazer nesse estado de impotência? Na realidade de um povo sem valores sublimes, já se está na alegria da abnegação, já se aceita o estado de condenação, ficando para trás em relação ao desenvolvimento da humanidade... A vida não é nada mais do que algo que valha a pena ser vivido. Esta vila parece paralisada, tudo o que é nacional, tudo

o que é social está quase completamente dissolvido. E nesta aldeia, há esta família, que só consegue sustentar-se economicamente com muito esforço. Como eu me sentia nessa época da minha infância? Quais foram as influências às quais reagi?

Não há muitas lembranças, mas meus primeiros passos foram de rebelião.

Lembro-me de que comecei a procurar amigos muito cedo. Estranhamente, sempre encontrei apenas interesse em uma criança com cuja família a minha estava em uma disputa irreconciliável. Nossas famílias nos criaram de tal forma que estávamos preparados para continuar esse conflito mais tarde, e para proteger nossa honra familiar – o que significava nossa destruição. Não sei se minha busca em contato com essa criança é um sinal de inteligência ou se deriva da necessidade de me defender. Eu tinha um desejo simples de começar uma amizade com essa criança. Hasan se tornou meu amigo, mais tarde ele caiu de uma forma muito infeliz como um mártir. Essa amizade com ele foi minha primeira “organização” secreta que tive que esconder da minha família. Lembro-me de que fiquei muito feliz em caminhar com meu amigo assim que saímos da vila. Mas uma vez, minha avó nos viu e gritou para minha mãe: “Esse seu filho vai se tornar alguém sem honra!” Apesar de tudo isso, não traí meu amigo. Mesmo sob a pressão das normas sociais, continuei e aprofundei essa amizade, embora de uma forma diferente.

Comecei a me opor a um dos mais importantes princípios feudais; não quero viver de acordo com as leis prescritas, nem de acordo com as regras do pai ou da mãe – foi assim que fiz minhas primeiras revoluções.

Quando dei meus primeiros passos na sociedade burguesa desta república kemalista, eu tinha pouca autoconfiança e nenhum grande objetivo. Eu senti o mesmo desamparo, a solidão desta sociedade. Mas também vi a necessidade de começar pelo caminho errado. Embora não visse nenhuma oportunidade real de progresso, forcei-me a subir na escala social passo a passo. Nas escolas, terminei todos os anos como o melhor. Até me formar na universidade, eu não entendia nada sobre essa educação, não aceitava nada, mas eu sempre fui o

primeiro. Deve ter sido algum tipo de resistência interna. Com a linguagem do sistema superando o sistema com sucesso – mas na realidade não acreditando nele, não querendo saber nada sobre ele. Essa também é uma forma de luta que uso até hoje. Algumas palavras, eu falo em uma linguagem que todos entendem, mas eu tenho meu próprio entendimento quando se trata da vida. Não creio que essas palavras signifiquem alguma coisa para mim. Não concordo com o conteúdo deste caminho e sinto que este é um ato de destruição contra minha própria identidade.

É aqui que o revolucionário começa a se desenvolver: para adaptar-se quando necessário, mas nunca para trair o próprio espírito.

No entanto, há que não vender pensamentos e ideias básicas porque são necessários para os interesses do próprio povo. Num estado em que o indivíduo poderia se vender ao sistema cem vezes por dia, não o faz – por puro orgulho pessoal.

O que pode ser concluído disso é que se a família da humanidade o considera inexistente, se você não consegue levantar sua voz contra toda a injustiça e, ainda assim, nessa situação, não vende sua alma para proteger a honra humana, se você for capaz de fazer isso, poderá colocar muitas coisas em movimento. Se houver análises precisas sobre minha pessoa, essa ligação pode fazer parte delas. Ainda estou na situação de não conseguir me descrever de forma suficiente, abrangente o suficiente...

É muito difícil não cair diante dessa negação, dessa pressão, e permanecer de pé, manter-se de pé, e não se perder. Uma personalidade realmente grande deve saber seguir em frente sem cair. Para outros, a pessoa curda pode ser um forte portador de fardos, uma ótima esposa, um ótimo marido. Para outros, os curdos podem ser bons soldados, bons comandantes. Para outros, o curdo pode ser um bom trabalhador e servo, até mesmo um bom intelectual ou um bom artesão. mas quando se trata da própria identidade, da própria libertação, o curdo diz: “Eu não estou dentro”. Essa é a tragédia. Nós dizemos: “Você não pode simplesmente viver do jeito

que pensa. Queremos convencê-lo dos princípios básicos da vida”. Essa é a nossa maior luta. Claro, eu determino o caminho, o ritmo, a abordagem, essa é a minha liberdade. Minha legitimação para isso é tudo o que aprendi na ‘União da Humanidade’. Isso me dá a certeza de que a pressão que estou exercendo é absolutamente necessária e, acima de tudo, muito justificada. Nesse aspecto, posso confiar em mim mesmo até o fim. Minhas observações me levaram muito rapidamente a resultados; nisso, ganhei uma grande vantagem.

Assim como ganhei força na área da linguagem, também ganhei força na área da ação e do envolvimento. É claro que tive que aprender – se comparar o tempo presente com o tempo da minha fraqueza – a usar essa força corretamente. Uma personalidade que, quando criança, sente uma grande fraqueza em relação a todos os valores sociais e desenvolve uma posição de força pode ser considerada capaz de desempenhar um papel de liderança. Não é tão importante se esse é o meu caso. Muitas vezes penso sobre o que sou como ser humano e o que significa a questão da “liderança”. É verdade que insisto em ser humano. Isso pode ser baseado na realidade das pessoas ou na realidade de uma pessoa que, em última análise, escolhe ser humana.

Quando conheci alguém que poderia estar em uma posição completamente diferente hoje, ele me disse: “Eu me lembro de você como um amigo da minha infância”. Fiquei surpreso com sua declaração. Na verdade, com isso ele entendeu a realidade. Ele, que estava alienado de si mesmo pela realidade política, via em mim apenas seu amigo de infância. Com isso, ele disse algo essencial sobre mim. Este homem podia me ver como um homem modesto e simples. Esta é uma indicação importante de uma característica fundamental da liderança. Ao mesmo tempo, ele viu em mim um amigo de infância. Isso também significa que em uma posição de liderança não se deve negar ou rejeitar a infância distante e precoce. Ainda mais generalizado: é preciso estar na posse da humanidade de si mesmo. Cada pessoa, independentemente de nacionalidade, gênero, nível social e político, deve ser capaz de ver uma parte de si mesma em si. Acredito que toda pessoa que faz uma avaliação semelhante espera um pouco de humanidade de nós. Fico muito feliz em poder realizar um pouco mais esse desejo.

Estou muito impressionado que ainda existam pessoas que querem entender o outro e que querem encontrar algo no outro – isso me dá esperança.

Não estou interessado na situação material da nossa época. Nem faz parte do meu campo de interesse: quão forte é uma nação, qual nome é mais forte, como a economia está se desenvolvendo em escala global. Meus interesses são muito valiosos para aqueles que perderam os valores humanos e estão novamente buscando soluções para os problemas da humanidade. Sinto orgulho daqueles que se libertam de condições sociais e materiais altamente desenvolvidas e vêm para cá. Neste passo vejo a verdadeira humanidade. As pessoas que abandonam sua situação segura no sistema, que não valorizam uma vida na qual poderiam ter realizado seus desejos materiais, também são importantes para mim – inicialmente, independentemente da classe a que pertencem. Infelizmente, não há muitos deles. Mais pessoas apoiam o materialismo vulgar do que se imagina. Esse materialismo vulgar encontra sua expressão na fraqueza da própria nação, da própria classe, seja como oprimida ou como opressora, seja como exploradora ou como explorada, mas também na fraqueza da própria família, na fraqueza em relação a si mesmo. É isso que geralmente se vive; mas o que eles chamam de humano ou humanidade é exatamente o oposto.

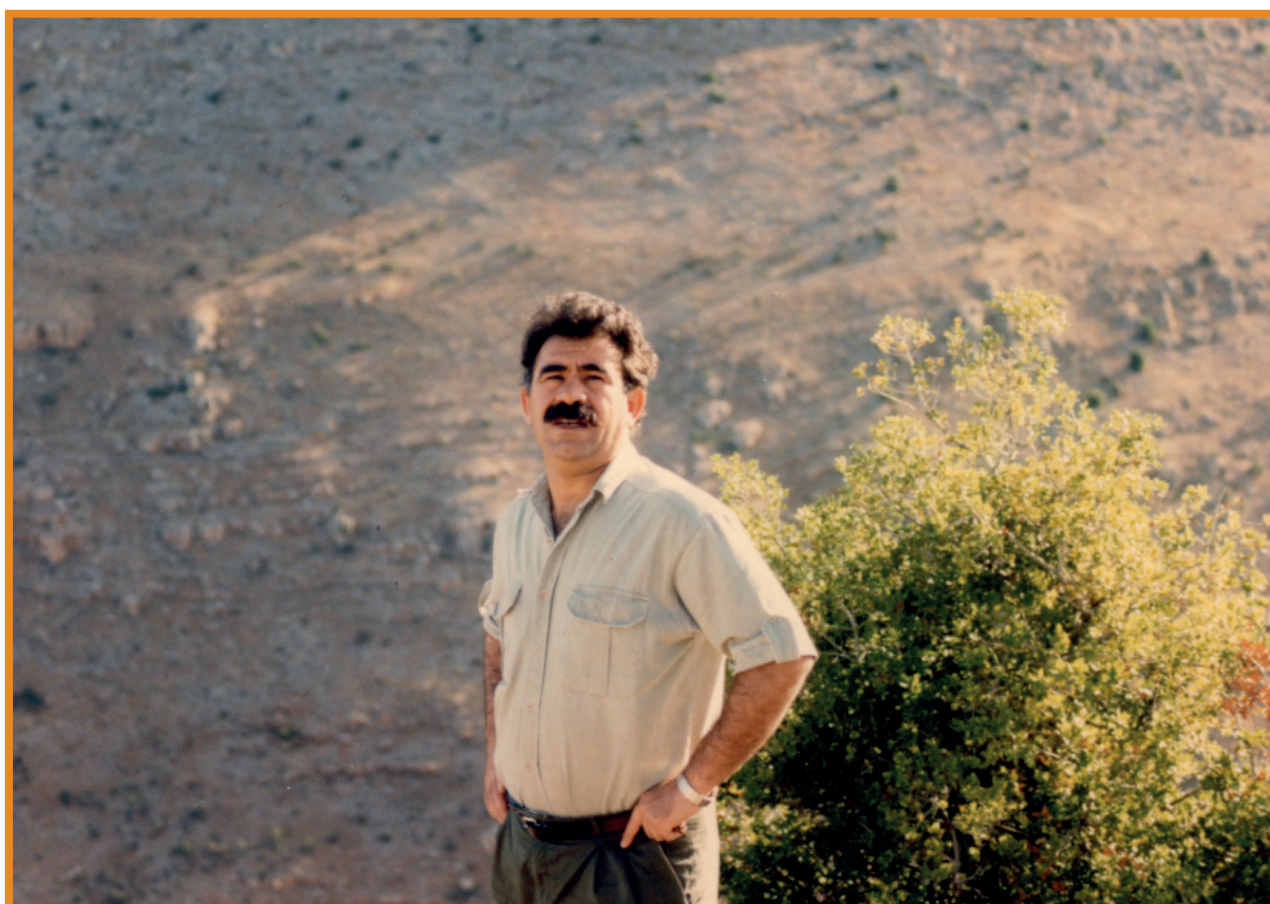
Todos os amigos e camaradas que querem entender minha dialética da vida devem entender o seguinte: Que tipo de morte eu sou contra e que tipo de vida eu rejeito. Quando pergunto: “O que fazer? Como viver?”, tenho o mundo inteiro contra mim. Essa população em si e todos os camaradas estão contra nós. O problema difícil – aquele que tenho que resolver como líder – está exatamente neste ponto. Se a humanidade, ou alguns de seus representantes, tivessem compreendido essa vida intolerável dessas pessoas e tivessem tomado uma atitude, eu não precisaria fazer nada. E se essas pessoas reconhecessem seus próprios problemas, seu próprio sofrimento e não se deixassem humilhar tanto, eu não teria intervindo tão maciçamente.

Não tenho dúvidas de que não estou fazendo isso por mim mesmo. Tento transmitir esses sentimentos, pelos quais lutamos aqui, à população e aos demais interessados. Haverá também pessoas de outras partes do mundo que se consideram amigas ou que querem se tornar nossas camaradas? Nosso desejo e nossas ações são, em si, uma solução. Não faremos chamadas comuns de amizade. De qualquer forma, você não vai conseguir fazer bons amigos e camaradas com isso. Mas se há pessoas que carregam esse desejo em seus corações, elas devem saber que colocamos nosso poder e força ilimitados a serviço delas. Pode ser uma pessoa ou um povo. Este não é o lugar para pedir apoio e solidariedade com “pedidos”. Isso também não é senso de grandeza: se você quer ser grande, lute uma grande luta. Essas pessoas existiram na história e acredito que continuarão a existir no futuro.

Para mim, seria suficiente se um ou dois amigos de cada nação, de cada povo, fossem encontrados e se aproximassem de nós dessa

maneira, mas sob a condição de que realmente quisessem travar uma grande luta.

Se eles têm esse objetivo, se devem analisar um pouco e se possível desenvolver suas próprias ações. O nome do meu partido, o nome do meu povo é redundante aqui. Aqueles que querem dar algo à humanidade não podem pensar em termos de “eu”. Eles não podem aprovar essas características, esses personagens. Neste ponto, estou me esforçando muito. Essas pessoas são muito apreciadas por nós nesse aspecto. Se eles nos entenderem corretamente a esse respeito e se eles se posicionarem como amigos e camaradas dentro de sua própria população, se eles se tornarem compreensíveis e compreensíveis para ela, se essas pessoas aprenderem com eles a entender outros povos – então eu acredito firmemente que também posso ser para outros povos o que sou para o meu. Neste ponto, tenho muita fé em mim mesmo. Se desenvolvermos nossos esforços futuros após essa avaliação, poderemos, mesmo que tardiamente, desenvolver um bom exemplo de amizade. Vir aqui é um sinal importante de amizade – mostra um elo na cadeia de amizade ●



A NOSSA RESPOSTA É A AUTODEFESA ORGANIZADA!



Perspetiva das Jovens Mulheres Internacionalistas

Antes de mais, nós, a Comuna Internacionalista de Jovens Mulheres de Rojava, enviamos saudações a todas as jovens mulheres do mundo. Num sistema sexista que visa a dominação do mundo inteiro através da opressão e exploração dos corpos, culturas e valores das mulheres, a vida de qualquer jovem mulher é, por si só, uma resistência.

Estamos a escrever estas perspetivas ao entrar numa nova fase histórica política. Nos recentes apelos publicados de Abdullah Öcalan, ficou claro que as mulheres, e especialmente as jovens mulheres, devem desempenhar um papel central na transformação democrática da sociedade; conduzindo o povo para fora desta situação de caos e violência. Nos apelos, especialmente aqueles que dirigiu às mulheres no dia 8 de março, e mais tarde também à juventude, o Líder Apo (Öcalan) afirma novamente que as jovens mulheres têm o conhecimento, as emoções e a força para desempenhar este importante papel.

Agora a nossa pergunta é esta: nós, como jovens mulheres internacionalistas, até que ponto acreditamos verdadeiramente que temos a capacidade de desempenhar este papel? Até que ponto nos vemos como uma força motriz da mudança e da criação? Até que ponto reconhecemos as perspetivas do Líder Apo nas nossas vidas e realidades? Num momento em que a violência

exercida contra a humanidade pelas forças capitalistas e imperialistas imorais atinge o seu nível mais alto, sem limites, as forças democráticas devem assumir uma posição firme em defesa da liberdade e dos valores democráticos. Ao fazê-lo, devemos trabalhar para compreender melhor as causas profundas dos nossos problemas sociais e políticos.

A GUERRA HISTÓRICA CONTRA A JOVEM MULHER

Para compreender corretamente o presente, é necessário estudar as histórias das mulheres. No tempo Neolítico, antes do sistema da civilização centralizada, a importância do papel da mulher na sociedade estava no seu auge. No início da civilização central, os sistemas de hierarquia e dominação de classes começaram através da opressão violenta das mulheres. Este sistema revelou-se uma forma eficaz de dominação e espalhou-se pelo mundo. Em vez de desempenhar o seu papel central e natural na organização da sociedade, na gestão da economia e na construção da vida comunitária, a mulher passou a ser propriedade do homem.

Podemos encontrar evidência deste processo na mitologia da época, em que as deusas-mãe, anteriormente representadas como figuras sagradas da vida livre e

natural, começaram a ver esse papel ser-lhes roubado. O mito de Tiamat e Marduk simboliza a violência deste processo. Tiamat foi uma das mais importantes deusas-mãe da época Neolítica. Marduk, seu filho, matou-a com três flechas. Uma na cabeça, para matar os seus pensamentos e valores, uma no coração, para matar o seu amor e vida, e uma no útero, para matar a sua capacidade de criar vida. Após este evento, conhecido como o primeiro feminicídio na história da humanidade, Marduk usou o seu corpo morto para criar a terra e o céu. A partir deste momento, uma nova cultura foi sendo lentamente construída — uma cultura de violação, assassinato e escravização. Ao longo da história, a mentalidade dominante masculina continuou e desenvolveu-se, matando a capacidade da mulher de pensar, amar e criar vida; utilizando os corpos, inteligência e emoções das mulheres para os seus próprios interesses.

Durante os séculos XVI e XVII, nas colonizações e invasões do capitalismo provenientes de Inglaterra e dos Países Baixos, esta mentalidade atingiu novos níveis; com os ataques mais violentos contra as mulheres em toda a história da humanidade, as caças às bruxas. As caças às bruxas destruíram todo um universo de crenças e práticas que incorporavam os valores de uma sociedade democrática, saudável e livre, porque esses valores eram um obstáculo e uma ameaça ao desenvolvimento dos sistemas capitalistas. Observando este processo, torna-se claro que o capitalismo se construiu com base no sexismo. Como consequência deste feminicídio, outras mulheres foram pressionadas a serem obedientes e silenciosas; submetendo-se ao trabalho árduo e ao abuso dos homens para sobreviverem e

serem socialmente aceites. Esta dinâmica continua até hoje e manifesta-se de muitas formas diferentes. Alguns exemplos: como mulheres, aprendemos a não confiar em nós próprias, a não acreditar nos nossos pensamentos e emoções, a não seguir o nosso instinto e a não falar sem permissão. Ensinaaram-nos que, se quisermos viver uma vida aceite pelo sistema, temos de moldar as nossas mentalidades e a nossa forma de ver e compreender o mundo à semelhança do homem. Ou temos de nos tornar como o homem quer que sejamos, aceitando a sua violência e opressão e normalizando-a. Neste ponto, devemos perguntar-nos: quando falamos, quando agimos, quando rimos, até que ponto o fazemos segundo o espírito de uma mulher livre? Ou até que ponto os nossos pensamentos, emoções e ações continuam sob a influência dos homens?

A OPRESSÃO DO SISTEMA SEXISTA ESTÁ ORGANIZADA A NÍVEL MUNDIAL

É especialmente nossa responsabilidade, como jovens mulheres, estar conscientes de toda a estrutura de violência e cultura de violação que o sistema impôs às sociedades em todo o mundo para tornar a mulher mais fraca e incapaz de desempenhar o seu papel de vanguarda na libertação dos povos. Como disse o Líder Apo: “enquanto a cultura da violação não for superada, a verdade da sociedade não poderá ser revelada nos campos da filosofia, ciência, estética, ética e religião”. A construção e disseminação, nos meios de comunicação, de modelos hiper-sexualizados de feminilidade intensificou o problema, convidando abertamente à agressão sexual e contribuindo para esta cultura misógina e de violação, na qual as aspirações das mulheres



pela autonomia são degradadas e reduzidas ao estatuto de mera provocação sexual. Também nos campos da música, arte, cinema, a mulher é representada como objeto de venda, de conquista, de utilização. A indústria do sexo, que é gerida predominantemente por organizações criminosas masculinas capazes de impor a escravidão na sua forma mais cruel, é um dos maiores exemplos disso.

A brutalidade dos ataques contra as mulheres é muitas vezes tão extrema que parece desprovida de qualquer finalidade utilitária. O objetivo é, novamente, aterrorizar e fazer com que a mulher se sinta impotente. Tal violência não pode simplesmente surgir ao acaso na vida quotidiana de uma comunidade; é uma violência sistémica. É planeada, calculada e executada com a mais alta garantia de que não será punida pelo Estado-nação.

Estamos a testemunhar uma escalada da violência contra as mulheres, especialmente nas partes do mundo — África subsaariana, Abya Yala, Sudeste Asiático — mais ricas em recursos naturais e agora visadas por empresas comerciais, e onde a luta anticolonial é mais forte. As potências capitalistas, através da Terceira Guerra Mundial, estão determinadas a virar o mundo do avesso para consolidar o seu poder, que foi enfraquecido nas décadas de 1960 e 1970 pelas lutas anticoloniais, feministas e anti-apartheid. Está novamente sob grande ameaça hoje graças às revoltas da juventude em todo o mundo e à Revolução 'Jin Jiyen Azadi'. Tal como nas primeiras fases do capitalismo, o seu objetivo não pode ser alcançado sem atacar as mulheres, que são diretamente responsáveis pela reprodução e defesa das suas comunidades.

A crescente militarização dos países através da propaganda de guerra e segurança nacional, a construção de novas bases e infraestruturas militares, a ligação estreita entre universidades e indústrias bélicas, o número de homens armados legitimados pelo Estado (como guardas domésticos privados, seguranças comerciais, guardas prisionais, membros de gangues e máfias, e soldados em exércitos regulares ou privados), desempenha um papel central no aumento da mentalidade do homem dominante na sociedade. Deste modo, a violência torna-se inseparável de todos os aspetos da vida, e também a violência masculina individual torna-se a resposta às exigências assertivas das mulheres por autonomia e liberdade. A expressão desta mentalidade é o número crescente de mulheres assassinadas

nas suas casas pelos seus parceiros, nos seus locais de trabalho, na escola, nas ruas. Durante quanto tempo poderemos nós, mulheres de todos os países, aceitar esta violência? Durante quanto tempo continuaremos a permanecer em silêncio quando o sistema sexista nos escraviza e destrói as nossas terras e sociedades?

BASTA! ORGANIZAMOS A NOSSA PRÓPRIA AUTODEFESA

Contra estes ataques organizados do sistema, o nosso primeiro passo para derrotar esta violência é organizarmo-nos. Ao fazê-lo, temos de nos unir e tornarmo-nos nós próprias, enquanto jovens mulheres, devemos desenvolver a nossa própria vontade e formas de nos protegermos dos ataques do sistema através da autodefesa. Nunca devemos esquecer que estamos num tempo de guerra e, como consequência, também a resistência deve estar organizada em várias frentes, em todos os campos da vida. A decisão das mulheres de reagir, quebrar o nosso isolamento e unir-se a outras mulheres é crucial para o sucesso dos nossos objetivos. Um tal objetivo, no entanto, não pode ser alcançado se nós, enquanto mulheres, não adquirirmos os recursos de que precisamos para sermos independentes do sistema dos homens, não apenas de forma física e económica, mas também nos nossos pensamentos e mentalidades, para que não sejamos forçadas a aceitar condições de trabalho e relações familiares degradantes e perigosas para garantir a nossa sobrevivência. A partir deste ponto, desenvolveremos juntas a capacidade de encontrar soluções e estratégias que possam servir à construção e à defesa de uma vida em liberdade e convivência para todos os povos. Quando nós, mulheres, somos uma frente unida, tornamo-nos uma força de criação para um novo modo de vida, uma nova cultura baseada no princípio da Sociedade Democrática. Por cada mulher assassinada por este sistema masculino dominante, devemos organizar juntas a nossa força e a nossa vontade, devemos construir estruturas onde possamos viver de forma comunitária e autónoma. Devemos organizar cursos de autodefesa, um sistema de educação para compreender a realidade do sistema e os seus ataques contra nós. Devemos criar uma socialidade baseada no amor, respeito e dignidade. **Devemos iniciar uma ofensiva global para nos libertarmos e tirar o mundo do caos criado pelo sistema** ●



HOJE, MAIS DO QUE NUNCA

Se não for agora,

Se não formos nós,

QUANDO?



QUEM?

O UNIVERSO, A HISTÓRIA E NÓS

Para compreendermos corretamente os dias de hoje, precisamos de compreender fielmente a História e, para sabermos o que fazer, precisamos de nos compreender a nós próprios; e, para nos vermos, precisamos novamente de tomar consciência do Universo e da História. Só assim seremos capazes de ter a visão correta sobre o que está a acontecer hoje e quão definidores da história são estes momentos que estamos a viver. Ao mesmo tempo, para compreender o papel da Juventude e das Jovens Mulheres nisto, precisamos de tornar este princípio a nossa bússola. É também por isso que os grandes filósofos, profetas e revolucionários, desde Confúcio a Zaratustra, e até ao Líder dos povos Abdullah Öcalan, insistiram neste método para compreender plenamente a realidade em que nos encontramos. Neste sentido, compreender corretamente o que tem acontecido no mundo nos últimos meses também nos ajudará a clarificar a situação que vivemos nos nossos países, nas nossas comunidades e nas nossas próprias vidas.

UM CENÁRIO SOMBRIO E ESCURO

A Terceira Guerra Mundial que está a assolar todo o globo hoje, é uma guerra que expressa a contradição entre duas modernidades ideologicamente opostas: a do inimigo, que chamamos de Modernidade Capitalista, e a nossa, a do povo, que chamamos de Modernidade Democrática. Desde o início da civilização e do sistema estatal (há cerca de 7000 anos, na Mesopotâmia) que

estas duas têm lutado uma contra a outra. A Modernidade Capitalista só surgiu após milhares de anos de convivência pacífica e coabitação em sociedade, antes dos seus primeiros desenvolvimentos por volta de 5000 a.C. Qualquer império, governo ou indivíduo precisa de ser entendido nesta realidade dialética. A política de guerra, o apagamento das relações sociais, o desmantelamento da resistência cultural: tudo isto deve ser analisado como um ataque que a Modernidade Capitalista está a lançar contra a sociedade, enraizado numa longa história.

A POLÍTICA DE GUERRA DO SISTEMA: OCULTAÇÃO E MANIPULAÇÃO

Também neste sentido, se quisermos compreender corretamente o que está a acontecer e a mudar, não devemos ser enganados pelos meios de comunicação do sistema ou pelas suas ferramentas de propaganda.

De facto, o que eles tentam mostrar é que a guerra que estão a travar é apenas entre Estados, digamos, NATO vs Rússia na Ucrânia, ou, por exemplo, Israel vs Hamas na Palestina. Ou ainda que hoje, por exemplo, Trump iniciará uma guerra económica com o resto do mundo através de taxas e tarifas sobre os produtos que entram nos EUA, tentando mostrar que os EUA não precisam da infraestrutura global de troca de bens que está na base do capitalismo financeiro. Ou então, que o crescimento do fascismo é algo que está a acontecer apenas através de indivíduos ou organizações isoladas, como Milei na Argentina ou a AfD na Alemanha.

Mas não é assim: todos estes eventos não são confrontos genuínos entre forças opostas, mas apenas pequenos mecanismos e ajustes que o sistema da Modernidade Capitalista está a fazer dentro das suas próprias fileiras para sobreviver e continuar a dominação da forma mais eficiente. É verdade que Trump ou Milei e os seus estilos e políticas são mais brutais e abertos na forma como dominam, e também é verdade que a normalização das suas políticas opressoras pode ter impactos sérios e prejudiciais a longo prazo na sociedade, mas a sua essência não é diferente de outros atores estatais mais “progressistas”. A substância desta guerra, a verdadeira contradição, é aquela travada contra a sociedade, entre o capitalismo (e os seus facilitadores de qualquer partido) e a sociedade como um todo, e podemos ver claramente os efeitos sobre a juventude, as mulheres e o povo.

O LIBERALISMO E O SEU ATAQUE À JUVENTUDE

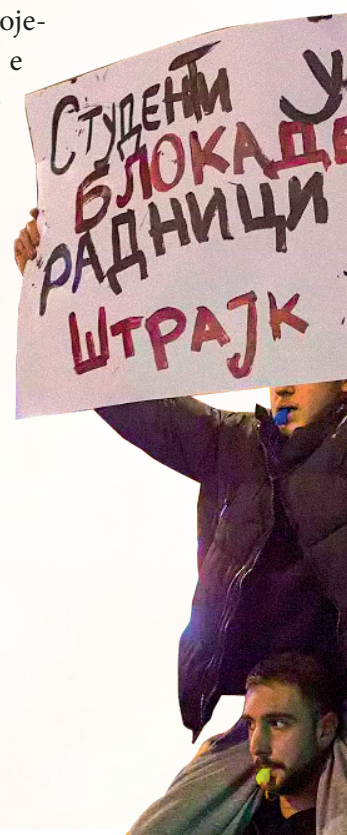
Esta guerra travada contra a sociedade também é travada a um nível ideológico. A arma da Modernidade Capitalista neste caso é o Liberalismo. O que é isso? Uma ideologia que quer destruir a capacidade da sociedade para a auto-organização e autossuficiência, a fim de impor uma política de opressão, violência e exploração, para que a sociedade não possa responder aos ataques do Capitalismo. O que o Liberalismo está a tentar fazer? Em primeiro lugar, está a destruir a cultura e a história da sociedade, criando assim uma sociedade homogênea, repetitiva e sem raízes. Podemos ver isto na forma como o sistema manipula a identidade da jovem mulher e do jovem homem e nas relações impostas a eles, relações totalmente moldadas por compreensões patriarcais. Devido às características sociais da mulher, o sistema visa frustrar a sua busca natural pela liberdade, desviando-a para formas mais liberais de ativismo. Ao mesmo tempo, o jovem que se encontra em crise de identidade devido à forma opressora e ao modelo em que foi socializado, agora procura uma saída e está à procura de novos modelos. Contudo, o sistema está a manipular e redirecionar essa busca para ideias e modelos reacionários como Andrew Tate ou Elon Musk, que usam os meios digitais como armas. Esta tendência também é visível nas estatísticas das últimas eleições, como na Alemanha, onde as jovens mulheres preferem partidos mais liberais de esquerda,

enquanto grandes fatias dos votos nos partidos de extrema-direita vêm de jovens homens.

A NOSSA LUZ NA ESCURIDÃO

Na escuridão que a Modernidade Capitalista está a tentar impor através da violência, guerras e opressão, no dia 27 de fevereiro, testemunhámos algo que pode voltar a iluminar o nosso caminho para a liberdade. Desde a prisão de Imrali, onde Abdullah Öcalan está detido e torturado há 26 anos, um apelo histórico e uma oportunidade chegaram até nós. Queremos destacar isto com clareza: não se trata de um desenvolvimento que diz respeito apenas ao Curdistão ou à Turquia. Na base do apelo está a vontade de mudar a forma como o PKK se organizou até agora e o desejo de avançar com uma nova iniciativa de paz com o Estado turco. Mas não é só isso, precisamos de compreender este esforço numa perspetiva mais ampla. O que Reber Apo, Abdullah Öcalan, está a tentar fazer, é uma tentativa radical de avançar com um modelo que possa funcionar como uma alternativa viável para todo o Médio Oriente e para o mundo inteiro. Hoje, por interesse próprio, no Médio Oriente, as diferentes forças da Modernidade Capitalista estão a tentar impor as suas próprias alternativas à sociedade. Seja o projeto Irão-Hezbollah, Israel-NATO ou Irmandade Muçulmana-Turquia. Lutam entre si, usam as piores palavras uns contra os outros, mas servem o mesmo sistema de dominação sobre a sociedade.

Contra todas estas forças está o projeto da Modernidade Democrática, e o seu modelo de Confederalismo Democrático como a única alternativa real e radical a eles. É isso que o Líder Apo está a tentar fazer vingar com o processo que iniciou. Também neste sentido, as tentativas feitas pelos drusos e alauítas na Síria nesta direção da autogestão são realmente significativas e, juntamente com os curdos e o resto do povo, determinarão o possível futuro de uma Síria democrática.



A LUTA PELO SOCIALISMO

A ideia de Socialismo é o núcleo do apelo e do processo de transformação que o Líder Apo iniciou. Socialismo significa ser-sociedade, significa a organização do povo, trabalhar e caminhar com o povo. A influência do Socialismo Real, que impactou todos os movimentos revolucionários do século XX, incluindo o PKK, acabou por criar um socialismo que serviu e até intensificou a modernidade do inimigo. Ao contrário disso, o Líder Apo está a tentar mais uma vez colocar a organização da comunidade, do povo e da sociedade, de acordo com as suas formas naturais e originais de ser, como base da luta. Ao fazê-lo, retorna à verdadeira essência do socialismo, que significa a auto-organização da humanidade para continuar a sua existência. Quando compreendido desta forma, organizar (como verbo, como prática) torna-se tão importante para a sociedade quanto o pão, a água e a autodefesa.

ORGANIZA-TE EM TODO O LADO!

Algumas semanas depois, durante uma marcha da Juventude no Norte do Curdistão, uma mensagem de Abdullah Öcalan foi novamente partilhada. Fundamental nesta mensagem está a temática da organização. Enquanto Juventude Internacionalista, pensamos que a questão da organização é crucial: é o motor da transformação e da concretização de um movimento da Juventude mais estável e duradouro.

Um movimento capaz de catalisar o momento de ativismo e revolta numa situação duradoura de autogestão democrática. Organizar tudo à nossa volta, começando pelas nossas escolas, universidades, famílias, amigos, locais de trabalho, aumentará imensamente as nossas hipóteses de sucesso!

A LUTA CONTINUA

Claro que o efeito do apelo teve um impacto que foi visível rapidamente em toda a região. Tanto no Curdistão como na Turquia, para começar. Por um lado, em Rojava, estão agora a ser feitos esforços para implementar o apelo com o estabelecimento de um papel permanente da Administração Autónoma na construção

da nova Síria. Também aqui, a luta do povo e das SDF, com a resistência de quase 100 dias contra os gangues jihadistas na Barragem de Tishrin, é a prova mais clara de que a organização do povo pode tornar-se um fator-chave também contra as forças hegemónicas que tentam definir o Médio Oriente.

Mas não só no Médio Oriente a luta está a crescer. Na Sérvia, onde um enorme movimento popular está a desafiar as políticas antidemocráticas do governo. A juventude também está a liderar uma luta no Baluchistão pela auto-organização bem-sucedida do seu povo. Ou na América Latina, onde a Juventude Zapatista está a travar uma resistência cultural, organizando eventos internacionais de arte e cultura.

ORGANIZA-TE, SEGUE O CAMINHO QUE FOI ABERTO, FAZ A REVOLUÇÃO TRIUNFAR!

Educação, organização e ação são as ferramentas da luta que hoje precisamos de travar de forma mais radical e autocrítica. A política democrática, a ideia de auto-organização e educação são, sem dúvida, os antídotos mais poderosos que podemos ver e encontrar quando repensamos as necessidades da nossa luta contra o liberalismo e a Modernidade Capitalista. A educação como base da luta contra as mentalidades patriarcais, opressoras e destrutivas da Modernidade Capitalista desempenhará um papel decisivo nas nossas organizações.

Como conclusão, queremos dizer que o caminho está iluminado à nossa frente, cabe-nos a nós agora escolher percorrê-lo. Se formos capazes de dar os passos certos em direção à democracia e à liberdade, então seremos capazes de alcançar dias melhores para toda a humanidade. O capitalismo está a empurrar-nos pelo caminho da extinção e da miséria, quer o escolhamos ou não. Escolher o caminho da liberdade é a questão que está diante de nós, muitos já o estão a percorrer. Hoje, mais do que nunca, lembramo-nos da Juventude durante a Revolução de 68 e do seu slogan:

**“Se não for agora, quando?
Se não formos nós, quem?”** ●

Sobre o tema desta edição

O QUE É QUE IMPEDE

OS JOVENS DE SE

ESFORÇAREM?



Como jovens e jovens mulheres em todo o mundo, representamos a força social mais ativa e dinâmica, aquela que luta e provoca mudanças. Infelizmente, enfrentamos problemas no nosso quotidiano que nos impedem de utilizar todo o nosso potencial e de viver uma vida verdadeiramente livre. Enquanto jovens em luta, temos de chegar à raiz destes problemas para nos libertarmos de um sistema opressor.

Olhando para a situação mundial atual, deparamo-nos com guerras por recursos, poder e capital, guerras da droga e juntas militares, repressão de protestos, assassinatos e genocídios. Com isso vem uma mentalidade que nos é imposta e que tenta distrair-nos de agir contra tudo isso. Sabemos aonde isto leva, pela nossa própria experiência e observando à nossa volta: problemas psicológicos e niilismo, dependência de drogas e situações de grande insegurança económica e isolamento. Hiper-sexualização e sexismo, o uso abusivo dos meios digitais e a desconexão da própria sociedade ou cultura são outros problemas sobre os quais podemos testemunhar. Não há nada de normal nestas situações. São produto de um sistema capitalista e patriarcal que procura, acima de tudo, neutralizar os jovens e usá-los como força de produção e força militar.

Para a edição nº 17 da revista *Lêgerin*, propusemos a jovens de organizações políticas, universidades, bairros e aldeias que organizassem discussões sobre os seus problemas atuais. Os nossos amigos responderam partilhando as suas experiências desde Abya Yala até à Ásia, passando por África, Europa e Médio Oriente. Quais são as principais dificuldades da vida quotidiana enfrentadas pelos jovens? Como se expressam? Claro que a ideia é também fazer avançar a discussão sobre as soluções para tudo isto: Como podemos superar coletivamente estes problemas? O que já foi implementado? Destacamos especialmente nesta edição textos que foram escritos coletivamente por nossos amigos do Quênia, da Sicília e do Chile. Tivemos também a grande oportunidade de realizar uma entrevista com Nadiya Yusif, porta-voz do movimento de Jovens Mulheres na Síria, e recebemos um texto de camaradas na Papua sobre a construção de uma casa de aprendizagem como solução para o problema da juventude.

Juntos e através da organização coletiva, a juventude do mundo não pode ser derrotada! ●

da depressão à luta coletiva

O PERCURSO DE UM JOVEM QUENIANO

No dia 1 de abril de 2025, a Revolutionary Socialist League, juntamente com outras organizações políticas, organizou um evento no Quênia intitulado “Denunciar a instrumentalização estatal de drogas e álcool contra ativistas”. O objetivo era “discutir o uso sistemático de drogas e álcool como ferramenta para desestabilizar movimentos liderados por jovens e deturpar os protestos como sendo motivados por indivíduos intoxicados em vez de comunidades politicamente conscientes e organizadas.” Queremos partilhar contigo um testemunho produzido como resultado deste evento. Foi escrito por Wachira Nyaga, um dedicado organizador comunitário do Embu Community Justice Center e membro do partido Revolutionary Socialist League.



Wachira Nyaga

Depois de terminar o ensino secundário em 2012, encontrei-me a lutar para sobreviver numa economia desenhada para manter os pobres acorrentados. Como muitos jovens, esperava tirar a minha família do sofrimento imposto pelo sistema neoliberal. Em 2015, comecei a trabalhar como cobrador na caótica e exploradora indústria de matatus, conduzindo na rota Githurai 45 desde o sub-úrbio em rápido crescimento de Ruiru até ao distrito comercial central de Nairobi.

Após três anos na indústria, percebi que as minhas dificuldades económicas não seriam resolvidas trabalhando como cobrador. Os desafios eram grotescos. Era constantemente assediado e preso por agentes do condado (askaris) e pela polícia. O negócio dos matatus é uma das indústrias mais corruptas do Quênia, com funcionários do Estado a recolherem subornos abertamente desde as primeiras horas da manhã em rotundas e postos de controlo, sem se importarem se os trabalhadores informais que extorquem chegaram a

ter lucro ou sequer tomaram o pequeno-almoço. Ou pagas, ou sofres as consequências. As detenções arbitrárias e o desrespeito pela lei por parte de todos os envolvidos na indústria colocam os jovens trabalhadores em risco de passar grande parte da sua juventude na prisão, reforçando a minha consciência de que a polícia e o sistema judicial existem para proteger os ricos e oprimir os pobres.

Foi através desta experiência que desenvolvi um profundo desejo de lutar por mudanças. Os mesmos jovens com quem trabalhava que eram pais, irmãos e amigos continuam a sofrer sob o peso da pobreza sistémica. Enquanto procurava um trabalho alternativo, encontrei-me no mundo instável do pequeno comércio informal, vendendo o que podia para sobreviver. Mas em 2018, tudo mudou.

A MINHA JORNADA DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Conheci Edgar, popularmente conhecido como Liberator, que me introduziu à organização comunitária sob a bandeira da Githurai Human Rights Network. Comecei a trabalhar com grupos comunitários para aumentar a consciência sobre os direitos humanos, responsabilização e a Constituição. Através do Liberator, mais tarde conheci Garang Mzalendo, ambos apresentadores de rádio na Ghetto Radio, onde conduziam o popular programa Changamka Show, que combinava justiça social com música reggae. O trabalho deles inspirou-me e o meu foco tornou-se mais claro, culminando na fundação do Githurai Social Justice Centre (GSJC), que mais tarde se tornou parte do Social Justice Movement Working Group.

À medida que o GSJC crescia, envolvi-me profundamente na organização dos bairros informais de Nairobi. A minha missão revolucionária tornou-se mais clara: tinha o dever de lutar por justiça e liberdade para o povo. Mas a organização comunitária não é isenta de desafios. O trabalho é não remunerado, e os defensores dos direitos humanos carregam o imenso fardo de documentar injustiças, desde execuções extrajudiciais a violência baseada no género. O impacto emocional e psicológico é pesado. A falta de apoio psicossocial para organizadores significava que eu absorvia todo o trauma sem ter como o libertar.

EFEITOS E SUPERAÇÃO DA SAÚDE MENTAL E DO ABUSO DE SUBSTÂNCIAS

À medida que o trabalho de defesa da minha comunidade se intensificava, sacrifiquei, sem saber, o meu bem-estar. Comecei a usar as drogas khat (Miraa) e álcool (Chang'aa) para conseguir acompanhar as exigências da organização. A situação piorou quando a minha casa foi demolida e fui forçado a sair, ficando sem tecto. Sem apoio da comunidade e com um crescente sentimento de desespero, fiquei preso no abuso de álcool. O que começou como uma forma de escapar às minhas dificuldades rapidamente consumiu a minha vida.

Passei os meus dias a beber nas tabernas locais de chang'aa, muitas vezes sem comer e perdendo o contacto com as minhas responsabilidades. A minha jovem família sofreu: a minha esposa e o meu filho envergonhavam-se de mim, enquanto a comunidade me descartava como um caso perdido. Os defensores dos direitos humanos são frequentemente vilipendiados; vistos como incómodos em vez de protetores do povo. As minhas lutas reforçaram essa perceção, isolando-me ainda mais.

Sempre acreditei que a mudança começa comigo.

Tinha desperdiçado anos a afogar-me no álcool e sabia que, se permanecesse no mesmo ambiente tóxico, nada mudaria. Tinha de fazer uma escolha, continuar no meu caminho autodestrutivo ou recuperar a minha vida. Decidi deixar Githurai e voltar para a minha terra natal rural, Embu.



RECOMEÇAR ATRAVÉS DA COZINHA COMUNITÁRIA E DA ORGANIZAÇÃO DO EMBU COMMUNITY JUSTICE CENTRE

Sair de Nairobi não foi apenas uma fuga ao abuso de substâncias; foi uma decisão consciente de criar um novo ambiente onde pudesse reconstruir-me. Uma coisa era clara: como revolucionário, é nosso dever organizar em todo o lado onde o capitalismo esteja enraizado e em Embu não era diferente. A opressão estava por todo o lado: desde o desemprego juvenil, à repressão das mulheres, às condições precárias dos pequenos agricultores. Historicamente, apesar de Embu ter sido um centro de resistência dos Mau Mau, continuou marginalizada e subdesenvolvida. Esta é a realidade de muitas cidades no Quênia com economias ferroviárias herdadas do colonialismo. Quando o governo neocolonial de Jomo Kenyatta assumiu o poder, Embu foi uma das muitas regiões que foram ainda mais exploradas e sujeitas a injustiças históricas pelos líderes neocoloniais.

Enquanto quadro do Social Justice Movement e seguidor disciplinado da Revolutionary Socialist League, sabia que apenas a disciplina militante me recolocaria no caminho certo, recorrendo à educação política através da organização comunitária. Guio-me pelas sábias palavras de Maya Angelou: “Ninguém é livre até que todos sejam livres.”

Em Embu, procurei novas formas de me sustentar mantendo-me comprometido com a luta. Iniciei uma cozinha comunitária, que se tornou num meio de sobrevivência e também num novo espaço de organização. A cozinha tornou-se uma plataforma para envolver agricultores e trabalhadores rurais nas suas lutas, ajudando-me a demonstrar que as mesmas estruturas opressoras dos bairros informais urbanos também existiam nas áreas rurais. Os agricultores estavam a ser explorados, o governo falhava com eles, e as suas lutas não eram diferentes das dos pobres urbanos.

“Um soldado sem ideologia política é um criminoso em potencial” – Thomas Sankara

Through these conversations, I saw the need to organise. The Embu Community Justice Centre was born out of this realisation, providing farmers and workers a platform to fight collectively for their rights. By advocating for cooperatives, trade unions, and revolutionary consciousness, we began laying the foundation for an alternative system that prioritises people over profit.

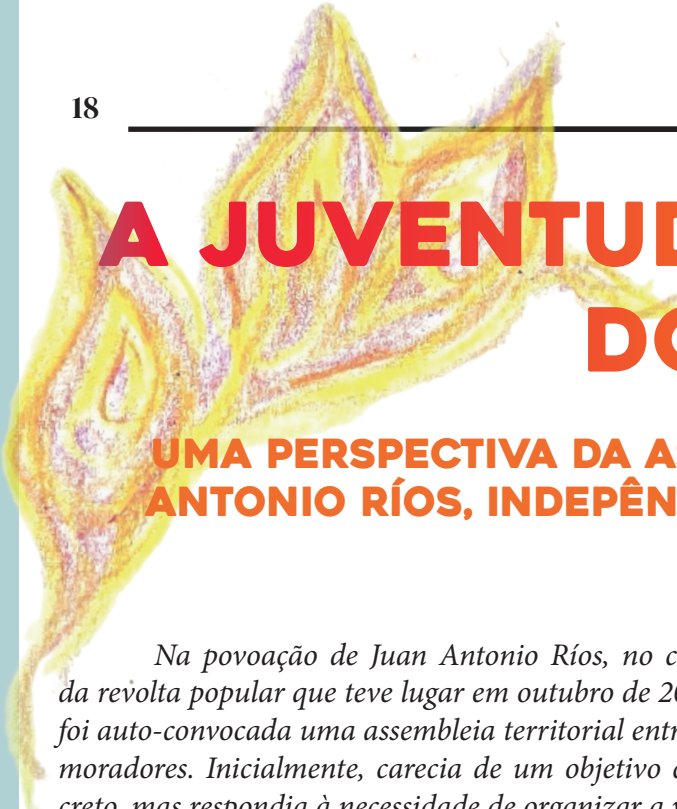
CONCLUSÃO

A minha jornada do abuso de substâncias até à organização de um novo centro de justiça não foi fácil, mas foi necessária. O sistema capitalista é desenhado para nos destruir, para nos empurrar para o desespero e para a autodestruição. Mas a luta por justiça não é apenas contra o Estado — é também contra as condições que enfraquecem o nosso povo, incluindo as lutas com a saúde mental e o abuso de substâncias.

A organização comunitária não é apenas política; é profundamente pessoal. Ao reconstruir-me, consegui reconstruir o meu compromisso com a luta. A minha experiência mostrou-me que disciplina revolucionária, cuidado coletivo e consciência política são essenciais para sustentar tanto indivíduos como movimentos. A luta continua, não apenas em Nairobi, mas em cada canto do país onde o povo se recusa a aceitar a opressão como destino. Por uma sociedade livre, justa e organizada — uma comunidade de cada vez.

A luta Continua
e avante
pela terra,
comida,
e liberdade! ●





A JUVENTUDE COMBATENTE DO NOSSO TEMPO

UMA PERSPECTIVA DA ASSEMBLEIA TERRITORIAL DE JUAN ANTONIO RÍOS, INDEPÊNDENCIA, SANTIAGO DO CHILE.

Na povoação de Juan Antonio Ríos, no calor da revolta popular que teve lugar em outubro de 2019, foi auto-convocada uma assembleia territorial entre os moradores. Inicialmente, carecia de um objetivo concreto, mas respondia à necessidade de organizar a vida perante o novo cenário criado pelo levantamento. Desde essa data até hoje, a nossa comunidade manteve um trabalho de base que transbordou para outras áreas, superando a iniciativa da assembleia e dando resposta a problemas como o abastecimento, a juventude, o trabalho, a educação, o desporto e a análise política para orientar os nossos caminhos.

Desde então, todos os anos, e em cada data importante para o nosso povo, realizamos atividades político-culturais para trabalhar a memória e refletir sobre as questões atuais. No dia 29 de março, comemorámos o Dia da Juventude Combatente, em memória de Rafael, Eduardo Vergara e Paulina Aguirre, jovens que foram assassinados em 1985 em plena ditadura militar.

Para isso, realizámos uma discussão entre as organizações da zona e ouvimos as famílias e amigos dos quatro jovens assassinados no nosso bairro. Graças a isso, pudemos escutar diferentes histórias de juventude, refletir sobre o que significa juventude para nós e sintetizar o dia neste artigo, como a nossa contribuição.

No dia 29 de março, comemorámos mais uma vez o Día del joven combatiente no Chile. Este dia é dedicado à memória dos companheiros Rafael e Eduardo Vergara Toledo, com 18 e 20 anos respetivamente, que foram assassinados em 1985 na Villa Francia, um bairro histórico de Santiago. Assim como à memória de Paulina Aguirre Tobar, jovem militante do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionaria), de 20 anos, que foi assassinada na mesma data. Estes três

assassinatos ocorreram durante o regime militar de Pinochet e faziam parte da violência de Estado da época, que procurava silenciar todas as tentativas de resistência.

Já não estamos sob uma ditadura, mas continuamos a ser mortos...

O nosso povo está manchado de sangue pela violência do Estado e dos seus vários tentáculos, e a nossa comunidade não tem estado alheia a isso. Para escutar e analisar a juventude, convidámos familiares e amigos de quatro dos nossos vizinhos que foram assassinados: Carlos Godoy Echegoyen, Maximiliano Rodríguez, Tomás Pérez e Alonso Verdejo.

A juventude militante dos anos 80 respondia a um processo histórico no nosso país, e também havia sementes de revolução na nossa comunidade. Um exemplo disso é a vida de Carlos Godoy Echegoyen. Era militante socialista, assim como toda a sua família. Rafael, como era apelidado, esteve na linha da frente de importantes tarefas políticas e mobilizações populares. Era capaz disso graças ao seu elevado nível de organização, eficiência, disciplina e dedicação. Uma das suas principais tarefas era a formação política e a organização da resistência de massas dos jovens socialistas da época, tarefa através da qual deu um contributo importante para a luta popular até ao dia da sua morte.

COMO ENFRENTAMOS OS DESAFIOS DA JUVENTUDE ATUAL?

A primeira coisa que gostaríamos de assinalar é que tem sido um desafio para nós caracterizar a juventude de hoje. Tem havido uma tendência, por parte dos movimentos sociais, ao analisar a juventude chilena, de se focar no perfil militante dos partidos

políticos de resistência em plena ditadura militar. O que ainda consideramos válido desse tempo é que os valores revolucionários desenvolvidos nesse período deixaram a sua marca na história do movimento popular, fornecendo princípios como a coerência, a disciplina e a coragem, que foram expressos em vida e em morte pelos jovens combatentes.

Mas esses valores ainda estão presentes na nossa juventude de hoje? Ou em nós mesmos? E a resposta é que acreditamos que a determinação da juventude dos anos 80 continua válida e presente nos processos mais recentes de mobilização social. Prova disso é o movimento estudantil, que tem dado continuidade à rebeldia do nosso povo desde a queda da ditadura, a Revolução dos Pinguins em 2006, as mobilizações de 2011 e uma série de greves, ocupações de institutos e universidades, até finalmente saltar os torniquetes do metro e iniciar a maior revolta popular que os nossos olhos já viram. E a verdade é que a virtude da juventude em promover processos revolucionários no Chile tem sido cultivada nos centros de estudo, os quais hoje são fortemente criminalizados, claro que já sabemos porque motivos.

Mas porque é que essa chama não chega a todos os setores jovens da nossa comunidade? No nosso bairro, a juventude com quem nos temos ligado após a morte de Maxi e Tomás nem sequer pode terminar a escola devido ao perfil estigmatizado que lhes é imposto. Isso leva-nos a pensar que existem diferentes tipos de juventude que, embora partilhem valores semel-

hantes ao longo da história, são silenciadas de formas distintas. Se fores um jovem do ensino secundário, és silenciado através de leis repressivas ou da destruição da educação pública; e os jovens da nossa comunidade são sujeitos a condenação, marginalização, ou simplesmente assassinados com impunidade.

Por isso, temos aumentado recentemente a nossa preocupação com a juventude da pobladora, porque vemos nela o maior potencial da nossa classe, e acreditamos firmemente que essa juventude merece os frutos da organização. Mas o que são esses frutos?

Por isso, temos aumentado recentemente a nossa preocupação com a juventude da pobladora, porque vemos nela o maior potencial da nossa classe, e acreditamos firmemente que essa juventude merece os frutos da organização. Mas o que são esses frutos? A organização dá-nos as ferramentas para podermos enfrentar este inimigo poderoso, por isso é importante partilhar estas análises entre as organizações e saber o que estamos a fazer por esta juventude, como podemos fortalecer-nos e proporcionar, de forma mais coordenada e sistemática, este apoio às crianças e jovens. Na nossa zona criámos iniciativas para a juventude popular. Um exemplo desses espaços é o Comedor Popular Maxi Rodríguez, criado pela mãe e irmã de Maxi. Transformaram a sua dor e raiva em luta e amor pelos jovens, criando um ambiente seguro para eles, livre de condenação, onde possam ser ouvidos, amados e reconhecidos. Outros exemplos na zona são os projetos desportivos, como o workshop



de basquetebol em que participou Alonso Verdejo. Um exemplo de desporto popular, tal como o Club Deportivo Carlos Godoy Echegoyen. Todas estas iniciativas respondem à procura de espaços recreativos seguros para e pelos jovens, promovendo relações saudáveis entre os participantes. Também entre as organizações que surgiram recentemente está o curso pré-universitário popular Yoshua Osorio, que oferece ferramentas de educação popular a jovens que querem fazer o exame de acesso ao ensino superior.

Embora estes espaços tenham-se desenvolvido de forma espontânea, com a discussão realizada para compreender a situação dos jovens, percebemos que podemos melhorar algumas práticas das organizações. E aqui surge a primeira conclusão da discussão: a necessidade de que estes espaços sejam criados por eles e para eles; onde possam tomar decisões e propor ideias. Para isso, é preciso escutá-los, aproximarmo-nos das suas vidas e interesses. Há uma tendência em usar os jovens como ferramenta devido à energia que os caracteriza. Mas não podemos continuar a permitir este pensamento, pois replica uma prática de uma política velha e não contribui para que a juventude reivindique o seu lugar de direito na sociedade

Além disso, acreditamos que é importante compreendermo-nos a nós próprios, as nossas identidades e o que isso significa politicamente: como pobres, como classe, como mulheres e como juventude precisamos de recuperar a nossa identidade como povo que se perdeu nas mãos do neoliberalismo. Seja qual for a organização, a sua ideologia e características seja anarquista, comunista, socialista, indigenista, etc.; procuramos gerar uma identidade comum de luta. Uma que se baseie sempre no respeito pelas nossas diferenças, na não imposição e contra o individualismo, a competição, o consumismo e as identidades vazias e fabricadas pelas redes sociais e pelos meios de comunicação. Finalmente, entre as reflexões que

surgiram nos nossos diálogos sobre a juventude, está a de fazer coincidir as palavras com as ações. Nesse sentido, enfatizamos a importância de lutar não apenas externamente, mas também internamente, para alcançar uma transformação profunda. Crescemos neste sistema e os seus vícios também estão dentro de nós. Alguém disse: “95% da batalha é contra o nosso inimigo interior.” Por isso temos de lutar dia após dia para transformar estas práticas liberais e patriarcais. O inimigo está a travar uma guerra psicológica contra nós, por isso temos de lutar contra as personalidades que o capitalismo criou.

Assim, é necessário que, enquanto enfrentamos o inimigo comum, também lutemos contra o inimigo interior. A partir daí, podemos construir e pôr em prática a vida que realmente queremos viver e não aquela que o capital nos impôs.

**"VIVAMOS HOJE COMO
QUEREMOS VIVER NO
FUTURO"**



Devemos continuar a lutar, resistir, organizar e construir. Viva os combatentes e viva a juventude pobladora! ●



CASA DE APRENDIZAGEM



LIRE KUNUME

Uma Ferramenta para Recuperar a Nossa Identidade Papuásia

Rio Kogoya

Rio Kogoya é um jovem indígena da Papua Ocidental que vem da parte montanhosa da região, da tribo Lani. É também membro da Progressive Papuan Youth (KMP2), um coletivo de jovens Papuas estabelecido em Jacarta em 2023. O primeiro objetivo era discutir e desenvolver indivíduos progressistas para combater as soluções dominantes para o conflito na Papua Ocidental, e também para eliminar o paternalismo no movimento democrático. O coletivo adaptou os princípios do Confederalismo Democrático desenvolvido por Abdullah Öcalan para organizar o povo. Outro princípio adotado é o de compreender e não comandar, adotado pelo movimento Zapatista no México.

Desde que o controlo do governo indonésio sobre a Papua Ocidental começou, com o apoio de imperialistas ocidentais, os povos indígenas Papuas perderam tudo. A nossa floresta, água, terra e cultura estão destruídas pela exploração da nossa terra natal. Muitos Papuas viam a existência do governo indonésio como um Estado colonial.

Este ocupou a nossa terra ancestral e tem bombardeado as nossas aldeias desde os anos 1961.

No processo de ocupação, o governo indonésio está a tentar alterar a vasta demografia das populações, implementando o programa de transmigração, implementado de 1964 até 1999 sob o regime do presidente Soeharto. Embora o programa já existisse desde a colonização ocidental, aqui irei focar-me apenas no regime colonial indonésio. O programa terminou em 1999, mas o presidente recém-eleito, Prabowo Subianto, mostrou-se ansioso por o reativar em 2023. O programa de transmigração visa realocar pessoas principalmente de Java para a Papua Ocidental; a razão política é ajudar o desenvolvimento na Papua Ocidental. O impacto foi extraordinário sobre os povos nativos. As nossas formas de vida, tradições e populações são dominadas por forasteiros. E o governo está a apropriar-se de grandes quantidades de terra indígena para uso dos transmigrantes. A mudança populacional também gerou tensões entre os povos nativos e os forasteiros (pendatang).

Muitos argumentam que o programa faz parte do colonialismo de povoamento.

A par do programa de transmigração existe também uma exploração maciça, mantendo os Papuas indígenas afastados da sua terra e cultura. Por exemplo, o programa alimentar chamado Projeto Estratégico Nacional (PSN). Apropriação de milhões de hectares de terra consuetudinária para plantar cana-de-açúcar. Ambos os programas são conduzidos pelos militares, que vieram proteger os transmigrantes e o PSN.

A JUVENTUDE DA PAPUA OCIDENTAL

O colonialismo na Papua Ocidental afetou a juventude.

A história mostrou-nos que o Estado colonizador, em todo o lado, tenta sempre apagar a cultura e a tradição dos colonizados. Tentando separar a nova geração das suas raízes e deixando-os com sentimentos de inferioridade. O Estado colonial injetou o seu modelo educativo e os seus valores de vida. Tentando enquadrar aquilo que pertence aos colonizados como mau, supersticioso e portador de magia negra. Na Papua Ocidental, a maioria dos jovens já não fala a nossa língua materna, não pratica as nossas tradições nem usa roupas tradicionais. Por vezes sentimos

vergonha, desatualização e medo. Em 1970, houve uma operação militar chamada Operasi Koteka (Operação Koteka), em que o exército indonésio proibiu os povos indígenas das montanhas (Wamena, Enarotali e Wagate) de usarem Koteka, roupas tradicionais. Foram forçados a usar vestuário moderno como calças, camisas, etc., como símbolo de civilização. Na escola aprendíamos apenas sobre os javaneses e outras culturas e histórias da Indonésia ocidental. Só nos era dado conhecimento limitado sobre a nossa. Existem 250 tribos na Papua Ocidental, cada uma com diferentes conhecimentos locais, mas fomos homogeneizados como se a nossa casa tradicional fosse o Honai (1). Entretanto, há os Befak da tribo Malind, Kunume dos Dani, Kamasan de Biak e muitos mais.

Para mim, pessoalmente, o impacto mais mortal do colonialismo na Papua Ocidental é a opressão das mulheres. É sustentado pela expansão do capital em megaprojetos e mineração como a PT Freeport, PSN, BP Petroleum e muitos outros. No passado, os nossos ancestrais valorizavam as mulheres como fonte da vida. Elas eram as que cuidavam da terra e protegiam a floresta. As divisões de trabalho entre homem e mulher eram claras, por exemplo, os homens encarregavam-se de limpar o jardim enquanto as mulheres plantavam os vegetais. E, na colheita, tudo era feito em conjunto. A primeira parte da colheita era distribuída pela comunidade, depois o restante era usado para o lar. Vivíamos lado a lado e resolvíamos tudo juntos. Mas quando o Estado colonizador, partindo do ocidente, começou a criar uma Indonésia apoiada pelo imperialismo, tudo se tornou confuso e foi destruído.

Com a presença das empresas multinacionais apoiadas pelo governo indonésio, as mulheres sofrem imenso. Nas nossas tradições, os homens possuem a terra e têm o direito de decidir o que fazer com ela. Mas as decisões tinham de ser para o bem de toda a comunidade. Isso mudou depois da chegada das empresas multinacionais e outros projetos extrativos do governo. As corporações usam o suborno como estratégia. Abordam líderes indígenas e políticos oferecendo dinheiro, álcool e mulheres trabalhadoras sexuais para obterem os direitos de posse da terra para as empresas (2). As



mulheres indígenas nunca foram envolvidas no processo, mesmo sendo elas as que cuidam da terra. Isto leva à violência no ambiente doméstico.

LIRU KUNUME E A RECUPERAÇÃO

No meio da incerteza e opressão, ainda acreditamos que há esperança, desde que nós, a nova geração, nos organizemos e resistamos. Na Papua Ocidental, iniciamos um local para aprendermos juntos sobre a nossa identidade. Criamos o Liru Kunume a 1 de dezembro de 2023 para lidar com o sentimento de inferioridade que matou a nossa autoconfiança. Liru significa aprendizagem e Kunume casa; casa de aprendizagem. A língua pertence à tribo Lani que habita a zona montanhosa da Papua Ocidental. Somos motivados pela perspectiva de Abdullah Öcalan sobre o Confederalismo Democrático que valoriza as diferenças dentro das comunidades em vez do nacionalismo. Acreditamos que ao criar um espaço de diálogo entre tribos na Papua Ocidental seremos capazes de descobrir estratégias para recuperar a nossa identidade e combater os sistemas opressores. As relações entre mulheres e homens, que foram quebradas pelos sistemas capitalistas na Papua Ocidental, podem ser restauradas usando a experiência de Rojava, que estabeleceu com sucesso a academia de Jineoloji que podemos usar como diretriz para compreender o conhecimento das mulheres aqui na Papua Ocidental.

Acreditamos que, ao criar um espaço seguro para falar sobre a nossa história, tradições, hábitos e outros saberes locais, podemos criar uma unidade entre os povos. E a parte mais importante é recuperar a nossa identidade destruída como Papuas. Liru Kunume é esperado como uma casa coletiva para todas as tribos partilharem o seu conhecimento e experiências de violência. **E para criar ideias para recuperar o que é nosso** ●

Março de 2025. A construção da casa de aprendizagem começou na Papua Ocidental.

1. Casa consuetudinária: é um edifício utilizado pelos indígenas papuanos para viver, resolver problemas colectivos e praticar rituais consuetudinários.
2. <https://thegeckoproject.org/id/articles/the-secret-deal-to-destroy-paradise/>

CONTRA O EXÍLIO FORÇADO

A RESISTENCIA JUVENIL NA SICÍLIA!

Spine nel Fianco

A Spine nel Fianco, nossa organização juvenil aqui em Catânia, nasceu em 2021. Somos jovens que começamos a nos organizar e lutar em torno do tema da libertação do patriarcado, por uma alternativa à educação escolar ou universitária. Optamos por nos organizar como jovens e não apenas como estudantes porque achamos que é preciso nos olhar não apenas no papel e nos compartimentos em que o sistema nos coloca, mas reconstruir uma identidade que seja nossa, transversal à sociedade.

Esta história em quadrinhos foi feita por um amigo, Santo, que imediatamente se ofereceu para fazê-la quando discutimos como revelar os problemas enfrentados pela nossa geração, mas o pensamento por trás dela é coletivo.

Para escolher os pontos a serem focados, sentamos em círculo e começamos a conversar sobre as principais dificuldades que os jovens enfrentam em nossa terra, partindo da experiência de cada um.

Diferentes temas emergiram da discussão, como isolamento, exploração, militarização, controle e opressão da família e assim por diante. No final, achamos que falar sobre emigração forçada seria a melhor coisa porque é uma das dimensões que afeta todos os aspectos da vida de uma pessoa. A emigração de jovens é um fenômeno de grande escala na Sicília e dura há séculos. A economia que foi construída na Sicília pelo Estado e pelos capitalistas, que mantém a população pobre e envenena o território, e a mentalidade que foi

ensinada nas escolas, esses dois fatores se combinam para empurrar centenas de estudantes e trabalhadores para o norte da Itália ou para o norte da Europa.

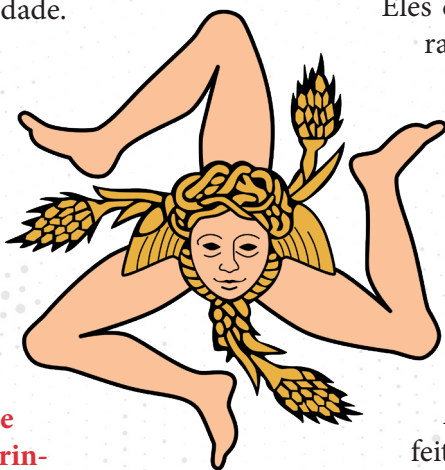
Para nós, organizar-se contra a injustiça, reaprender nossa história e construir comunidades é a principal alternativa à emigração forçada.

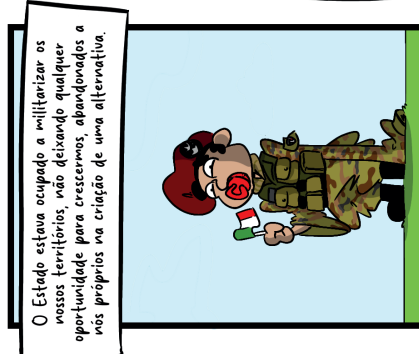
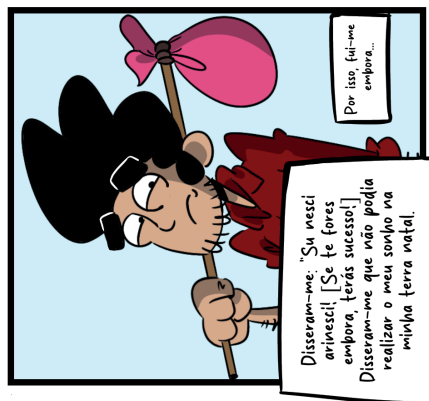
Alguns, quando começaram a se organizar conosco, ficaram desiludidos com o lugar onde moravam.

Eles queriam deixar suas terras e ir embora. Começamos a colocar como temas coletivos as questões que geravam intolerância individual, como a chantagem econômica, as dificuldades de moradia, a pressão familiar. Às vezes encontramos soluções juntos, outras vezes basta conversar para encontrar forças para reverter uma situação que não se pode mais aceitar.

Ainda não encontramos a maneira perfeita de nos organizar quando não podemos mais viver sem dedicar nosso tempo ao trabalho. Sabemos que para mudar o contexto em que vivemos é necessário que a luta adquira uma dimensão de massas. Mas enfrentar juntos, vez após vez, caso após caso, os impedimentos materiais e relacionais à conquista de uma vida livre e compartilhada significa para nós construir uma alternativa.

Este é um propósito fundamental da nossa prática e do pensamento que queríamos transmitir com esta contribuição para esta edição da Lêgerîn.







Meu Princípio Básico é uma Vida Magnífica com Você!

- Carta de Abdullah Öcalan às mulheres do mundo em 8 de março de 2025 -

Estou ciente de que é com base em se tornar você mesmo (Xwebûn) que você está vivendo a verdade da humanidade em todos os sentidos. Como mulheres, vocês incorporam valores mágicos; nunca deixei de viver com você. Essa vida em conjunto se tornou o pilar fundamental que me mantém de pé. Entretanto, a verdade que é tão gloriosa e livre pela primeira vez, será tão magnífica quanto as outras primeiras vezes da Mesopotâmia. Talvez isso já tenha acontecido.

A questão da liberdade das mulheres mantém toda a sua importância. O processo comunalista democrático representa um renascimento do papel de vanguarda da socialidade das mulheres dentro da sociedade. Uma compreensão correta da realidade social só é possível desta forma. Até que a cultura de estupro/agressão sexual seja superada, a verdade social não emergirá nos campos da filosofia, ciência, estética, ética e religião. Como o Marxismo provou, o sucesso do socialismo não será possível a menos que a nova era supere a cultura dominada pelos homens arraigada nas profundezas da sociedade.

O socialismo só pode ser alcançado através da liberdade das mulheres.

O socialismo só pode ser alcançado através da liberdade das mulheres. Sem a liberdade das mulheres, não é possível ser socialista. O socialismo não pode ser alcançado. Sem democracia, não pode haver socialismo. Meu primeiro teste no socialismo ficou evidente na maneira como falei com as mulheres. Uma pessoa que não sabe falar com uma mulher não pode ser socialista. Para um homem, tornar-se socialista depende da maneira como ele se relaciona com as mulheres.

A sacralidade pertence às mulheres. As mulheres são o próprio universo. Os homens são planetas desviados que circundam este universo. Foram as mulheres que criaram a linguagem para falar com as crianças. As mulheres criam cultura. É também a mulher que cria a sociedade. A sacralidade e a divindade pertencem a ela.

Para as mulheres, desenvolvi a ideologia da libertação feminina, que consiste em quatro áreas. Essa é a teoria. A cultura da mulher de vanguarda, a era das deusas, remonta de 10.000 a 4.000 a.C. As religiões monoteístas começaram com a Babilônia. O épico babilônico é a história da escravidão das mulheres. A criação do épico babilônico é um dos pilares da mitologia mesopotâmica. Entre 4.000 e 2.000 a.C., o declínio da cultura feminina começou.

Depois que a cultura da mulher de vanguarda entrou em colapso, a mulher do palácio nasceu com os Mitanni. Nefertiti também era uma mulher do palácio. A mulher do palácio daquele período se

transformou na dona de casa de hoje. Como você também deve saber, existe a cultura e a tradição de Sati. Na cultura Sati, as mulheres são jogadas no fogo e queimadas. Isso aconteceu até 1832, quando os britânicos puseram fim a essa prática cultural.

O renascimento que ocorrerá é muito importante. As mulheres não devem ser consideradas apenas biologicamente, mas socialmente, culturalmente e historicamente. Como diz Simone De Beauvoir, ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Não sou contra o casamento e o amor, mas assassinatos horríveis são cometidos todos os dias em nome do amor. Como um amante mataria seu amado? Isto não é amor. Muitas mulheres cometeram suicídio por causa desse tipo de relacionamento.

No entanto, as mulheres têm uma cultura de liberdade. O nível que você alcançou está próximo desta cultura. As mulheres estão tentando ir além dos limites da maternidade e do casamento. No entanto, vocês ainda só conseguiram atingir 10% dessa cultura de liberdade.

O principal é combater a mentalidade.

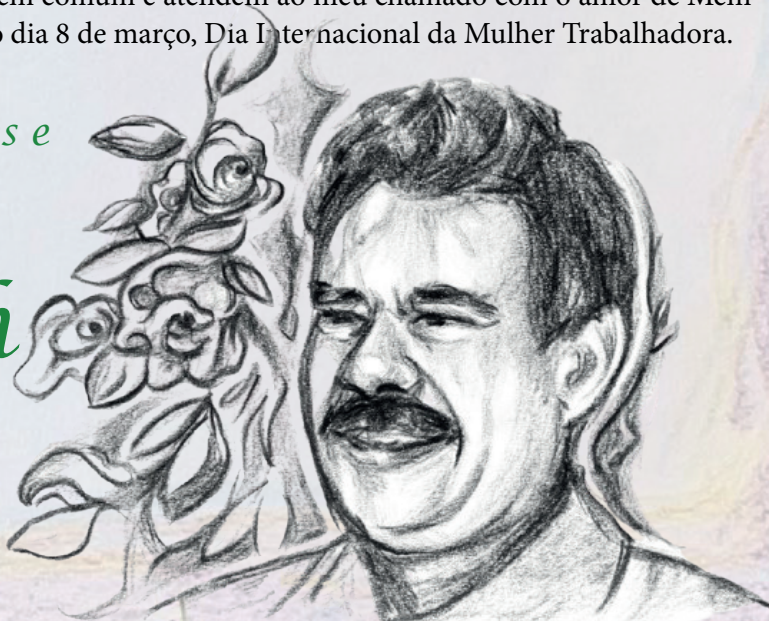
O sistema social de homens dominantes sempre cria problemas para as mulheres. Há violência, ocupação, incesto, estupro, meninas são vulneráveis à morte. O que você fará amanhã quando crianças forem mortas? Quando falo sobre a cultura Sati, chamo a atenção para esse fato. Você deve lutar contra essa cultura e mentalidade. Você tem deficiências e contradições a esse respeito, liberte-se dessas deficiências e contradições.

O problema das mulheres é ainda mais profundo que o problema curdo. O problema das mulheres é ainda mais central que o problema curdo. Conseguimos apenas pequenas melhorias nesse sentido. A cultura de guerra e conflito é direcionada principalmente contra as mulheres. A destruição desta cultura é a força motriz da nossa luta.

O espírito deste período é a política democrática e a linguagem é a linguagem da paz. O Apelo pela Paz e pela Sociedade Democrática é ao mesmo tempo um Renascimento para as mulheres. Saúdo as mulheres que acreditam na vida em comum e atendem ao meu chamado com o amor de Mem e Zîn e da Dervish Eve, e celebro o dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher Trabalhadora.

*Com minhas saudações e
amor contínuos,*

*Abdullah
Öcalan*



A JUVENTUDE E A REVOLUÇÃO

Entrevista com Nadiya Yusif, porta-voz do Movimento de Jovens Mulheres no gabinete do Conselho Democrático Sírio da Juventude.

Nadiya Yusif é membro do Conselho da Juventude Democrática Síria (MCSD - Meclisa Ciwanên Suriya Demokratîk), que é um Conselho de Juventude organizado autonomamente por jovens mulheres da Síria. O Conselho da Juventude está organizado como um guarda-chuva de todos os Conselhos Democráticos Sírios na geografia síria. Dentro do conselho, jovens de todas as etnias, culturas e crenças da Síria, mas principalmente do nordeste da Síria, participam e trabalham juntas para construir uma Síria democrática e livre com a vanguarda da juventude. O MCSD faz também parte da Iniciativa da Juventude do Médio Oriente e participa em trabalhos diplomáticos por toda a Síria, assim como fora dela, como representantes da Juventude Democrática da Síria. Como revista Lêgerîn, fizemos esta entrevista exclusiva com Nadiya Yusif especificamente para a Lêgerîn nº 17.

Lêgerîn: Como jovem mulher de Efrîn, participas em trabalhos políticos. Podes apresentar-te e dizer-nos por que começaste esses trabalhos? Em que tipo de trabalho estás envolvida agora?

O meu nome é Nadiya Yusif, trabalho como porta-voz das Jovens Mulheres no gabinete das Jovens Mulheres do Conselho da Juventude Democrática Síria. Sou uma jovem mulher de Efrîn. Este conselho onde trabalho é um guarda-chuva político para todos os movimentos, organizações e indivíduos independentes a nível sírio. Então, por que assumi o meu lugar neste trabalho específico como jovem mulher, por outras palavras, de que forma é importante? Especialmente como jovem mulher, dou de facto grande importância a desempenhar um papel na política, porque sabemos que, enquanto gerações jovens, fomos definidas como Geração Z, as últimas gerações. Os trabalhos em que podíamos participar eram limitados pela mentalidade do Estado masculino, pela mentalidade patriarcal. Toda a mulher era excluída politicamente, economicamente. Como resposta a essa mentalidade, como resposta a este governo atual, quis assumir um lugar especial neste trabalho com a nossa identidade e a nossa vontade. Com base nisso, participei neste trabalho e também estamos a organizar as nossas estruturas a nível de toda a Síria.

Lêgerîn: Como jovem do Médio Oriente, com a tua identidade multifacetada e também como jovem curda, quais são as pressões sobre os jovens, assim como os problemas que enfrentam? Que ataques enfrentam especialmente as jovens mulheres, desde a pressão social e o casamento, à família e ao sistema dominado por homens? Quais são as dificuldades que identificas?

Agora, se quisermos falar da mentalidade do Estado-homem, que foi cultivada, incutida especialmente no Médio Oriente, podemos dizer que vemos essa mentalidade não só dentro dos Estados ou dentro dos castelos, mas também dentro da personalidade de cada pessoa que vive hoje no Médio Oriente. Ou seja, nas famílias em que vivemos, na sociedade em que vivemos, essa mentalidade foi cultivada no cérebro, na personalidade de cada indivíduo do Médio Oriente. Podemos falar da mentalidade do regime Baath. Mas, em termos dessa mentalidade, podemos na verdade incluir todos os países do Médio Oriente, porque todos os Estados que vemos hoje, unilateralmente, apelaram a “uma bandeira, uma língua, uma cultura, uma fé, uma identidade”. Hoje, todos os Estados do Médio Oriente apoiam-se nisto e exercem o seu poder.

OLUÇÃO NA NOVA SÍRIA

Como jovem mulher que viveu na Síria, a minha identidade curda não era considerada legítima para mim. Falar a minha própria língua dentro da minha família, dentro da minha comunidade, também não era considerado legítimo para mim, era proibido. Por essa razão, para compreendermos verdadeiramente as crises atuais que vivemos no Médio Oriente, precisamos de perceber que o Médio Oriente é uma região onde a humanidade, a identidade e a civilização se desenvolveram, e o Médio Oriente é conhecido pela sua riqueza, pelas suas religiões, pelos seus componentes. Ou seja, aqui não vivem apenas curdos e árabes, há muitas nações, componentes, que fazem parte desta região. Hoje, se surge uma mentalidade que nega os direitos legítimos a todos os outros componentes e deixa apenas um com poder, tratando todos os outros povos como inexistentes, isso só impedirá o fim das crises que vivemos hoje no Médio Oriente.

Com base nisso, especialmente como jovens mulheres, gostaria de dizer que hoje no Médio Oriente, as jovens mulheres são as vítimas mais profundas dos acordos feitos pelos Estados, dos acordos feitos a nível familiar, a nível tribal. Porquê? Em particular, dirigem-se à geração jovem com a sua mentalidade porque sabem que a sociedade em que fomos educadas é a que irá criar mudanças e transformações na sociedade, e sob o nome da tradição em que os nossos avós foram educados, “não devemos ultrapassá-los”, reprimem cada identidade e vontade da juventude.



No regime Baath podemos ver isso. Após exercer tanto poder sobre o governo sírio, acabou por ser destruído depois do que podemos chamar 50 anos de governo. Porquê? Porque sabemos que se não forem feitas mudanças e transformações no Estado, na sociedade, na família, então com o passar do tempo, será o fim de toda mentalidade, o fim de todo Estado será a sua destruição. Porque hoje esta era está no meio de mudanças e transformações. Se as pessoas não organizarem a sua sociedade de acordo com isso, cada sociedade permanecerá no nível mais baixo. A principal razão que permite que os Estados do Médio Oriente passem por crises e guerras hoje é a mentalidade do homem-Estado, a mentalidade do Estado-nação.

Lêgerîn: Na Síria, especialmente no nordeste da Síria, passaram-se 13 anos desde que a revolução começou. Que mudanças foram feitas e qual é a tua visão sobre a luta que tem sido travada, especialmente pela liberdade das mulheres? Como vêes as conquistas da revolução das mulheres para o futuro de jovens mulheres como tu?

Se a Síria quiser governar hoje, deve ter uma ideologia verdadeira, uma ideia verdadeira, uma ideia democrática que abrace todas as nações, todas as comunidades, todas as religiões que vivem na geografia síria atualmente. Por esta razão, como jovens hoje na nova Síria depois da queda do regime Baath, foi construída em nós uma esperança de que realmente poderíamos viver numa Síria nova, democrática e diversa. Mas isso não foi concretizado porque um regime que podemos dizer ser ainda mais perigoso está a impor o seu governo ao povo sírio e especialmente à juventude síria.

Com base nisso, dizemos que o Norte e o Leste da Síria são a salvação da Síria. Hoje, os jovens que vivem dentro da Síria veem-nos como salvação por causa do sistema que foi estabelecido aqui, especialmente as instituições de jovens mulheres e de juventude que foram aqui criadas. Nenhum Estado tem qualquer instituição ou vontade de empoderar jovens e jovens mulheres.

A revolução de 19 de julho, a revolução do nordeste da Síria, se a pudermos tornar a revolução de todos os povos sírios e da juventude síria, então poderemos dizer que estamos realmente a caminhar para uma Síria democrática. Estamos a caminhar para uma Síria multiétnica, e este sistema atual acolhe todos os povos que vivem na Síria hoje. Porque vemos que não vivem apenas curdos e árabes no norte e leste da Síria. Repito, há arménios, sírios, árabes, curdos, turcomenos, circassianos e muitos outros grupos que vivem aqui. Todos eles estão sob a alçada da Administração Autónoma e estabeleceram as suas próprias instituições, e falam a sua própria língua nas escolas. Estes grupos vivem em sociedades baseadas na sua própria cultura e língua. Por isso, a constituição que foi emitida pelo novo governo sírio, nós, como jovens e jovens mulheres, nunca a veremos como representativa para nós.

Porque hoje, se considerarmos a questão da idade, não vimos qualquer jovem nas atividades que ocorreram desde o início do novo Estado. Onde está a vontade da juventude? Onde está a vontade das jovens mulheres? Como Conselho da Juventude Democrática da Síria, estamos em contacto com jovens 24 horas por dia. Realizamos o nosso trabalho dentro da Síria 24 horas por dia. Viajamos por toda a região. E vemos claramente que hoje todos os jovens sírios, todas as jovens sírias nos estão a chamar. Durante o tempo do regime Baath, talvez houvesse algum medo, tínhamos medo, mas agora os jovens sírios dizem isto claramente. Dizem que o nordeste da Síria hoje pode ser uma resposta a esta mentalidade atual, pode ser uma resposta ao governo atual. Pode, de facto, construir uma Síria à sua maneira.

Com base nisso, se quisermos construir uma identidade e uma vontade para as jovens mulheres, voltamo-nos primeiro para as jovens mulheres que vivem no nordeste da Síria. Porque a verdade é que as conquistas que foram feitas nesta revolução foram lideradas por jovens mulheres, no início da revolução, nos aspetos militar, social, político e económico, a maior liderança esteve aos ombros das jovens mulheres. Hoje, as jovens mulheres podem responder a todos os ataques contra esta região. Contra um exército islâmico extremista como o ISIS, as jovens mulheres estiveram na linha da frente da batalha.

Hoje, no nordeste da Síria, as jovens mulheres desempenham o maior papel na política. No aspeto económico também. A economia desta região é organizada e gerida com a vanguarda dos jovens e das jovens mulheres. Com base nisso, os jovens de fora veem que foi dada tanta vontade aos jovens. Que os jovens podem realmente liderar comunidades. Por isso podemos dizer que as jovens mulheres de hoje se tornaram verdadeiramente a resposta a esta mentalidade atual através do projeto da Nação Democrática, o projeto que foi implementado no nordeste da Síria e nas suas comunidades.

Lêgerîn: Na tua opinião, quais são as soluções para os problemas que os jovens enfrentam no Médio Oriente? Se tivesses uma mensagem para os jovens do mundo inteiro, o que lhes dirias?

Se temos um apelo para os jovens homens e mulheres que vivem hoje dentro da Síria, seria este: nunca, de forma alguma, devemos ter medo de qualquer sistema existente, qualquer Estado existente, qualquer Estado que tenha sido construído com uma mentalidade masculina dominante.

O fim dessa mentalidade foi visto no exemplo do sistema Baath, que hoje, depois de 50 anos a exercer o seu poder na Síria, exerceu todas as formas de poder e o seu fim foi o colapso. Para um Estado que é construído com base neste poder, o seu fim será o colapso. Com base nisto, o nosso apelo às jovens mulheres que vivem dentro da Síria é que elas não se submetam a esta mentalidade existente até ao fim e nós vamos apoiá-las espiritualmente. Vamos apoiar todos os jovens homens e mulheres que acreditam na democracia, acreditam na igualdade e na liberdade até ao fim.

Dizemos que nunca aceitaremos outra Síria que não seja democrática, descentralizada e diversa, e que acreditamos na energia dos jovens e na sua ideologia de juventude livre. Dizemos que com base nisso, é tempo de nos opormos a este Islão extremista que chegou e está a impor o seu governo sobre nós, o Islão que o Estado fez sua religião, e que hoje quer

violar a identidade das mulheres, a cor das mulheres de todas as formas. Nunca cederemos a isso, e não o aceitaremos.

Hoje, vivemos uma revolução há 13 anos. Mesmo que não tenhamos conseguido apresentar a nossa organização e ideias a todas as jovens mulheres dentro da Síria, ainda assim este sistema foi reconhecido ao mais alto nível. Este sistema já ecoou por todo o mundo e tornou-se uma ameaça para todos os Estados que atacam o norte e o leste da Síria hoje. O Estado turco, assim como outros Estados, não param os seus ataques ao nordeste da Síria. Isso também permite entender que o sistema que foi construído aqui não está de acordo com a mentalidade do Estado. A certa altura, este sistema que foi aqui construído será a salvação das sociedades. Quando um sistema não está de acordo com os Estados, compreender-se-á que esse sistema está de acordo com as sociedades que vivem nesta região. Com base nisso, o nosso apelo será sempre que todas as mulheres que vivem no nordeste da Síria apoiem todas as mulheres dentro da Síria que podemos chamar de nossas irmãs. Vamos apoiá-las até ao fim para que possamos juntas construir uma Síria democrática, descentralizada, que nos abrace a todas e com isso possamos salvar-nos da mentalidade estatal ●



"O povo e a sociedade, com a força que retiram do líder Apo, marcham para a liberdade"
Mural que retrata a história da luta do Movimento de Libertação do Curdistão em Qamishlo, Rojava, Nordeste da Síria.

PROBLEMAS E SOLUÇÕES PARA AS JOVENS MULHERES

UM CAMINHO PARA SAIR DO ISOLAMENTO E DA OPRESSÃO

Mizgîn Avzem

A sociedade da modernidade capitalista está mergulhada num individualismo profundamente enraizado. Este individualismo não é um acaso, mas sim uma ferramenta sistémica de exploração e opressão usada conscientemente pelo sistema e que visa isolar o desenvolvimento das pessoas e os seus esforços de resistência. Acima de tudo, as jovens mulheres são afetadas por este tipo de divisão, pois as suas lutas são moldadas não só pelas normas sociais, mas também pela opressão específica de género e por hierarquias violentas. A narrativa da sociedade é:

“Estás sozinha – ninguém te compreende, ninguém te ajuda, tens de lutar contra o mundo inteiro por ti própria.”

Este isolamento não é mantido por acidente nem por mal-entendido – é uma ferramenta estrutural de um sistema que é fundamentalmente contra a organização coletiva das mulheres. O sistema força as mulheres a tornarem-se cada vez mais fracas na sua solidão e a fazer com que a sua resistência desapareça.

Nós, como jovens mulheres, somos confrontadas diariamente com a realidade do sexismo, da violência sexual e da opressão patriarcal e muitas vezes sentimos que a sociedade nos falhou. As múltiplas microagressões

em que vivemos – sejam comentários casuais, a forma como nos diminuimos no nosso papel de mulheres, ou ataques verbais ou físicos violentos – são normalizadas e retratadas como inofensivas. Em muitos casos, atos de violência e discriminação são ignorados ou minimizados, e as mulheres são empurradas para o silêncio. É aqui que surge o perigo do isolamento; começamos a ver as nossas experiências como fraquezas pessoais e individuais em vez de vermos as razões estruturais da opressão. Lutamos com enormes fissuras internas – sentimo-nos sozinhas nas nossas experiências e não percebemos que essas experiências fazem parte de um problema social muito maior.

Este estado de isolamento divide as forças de resistência. O sistema que apoia o capitalismo assenta na dispersão das forças de resistência dos grupos oprimidos para que estes não se levantem unidos contra o sistema. O individualismo capitalista não é uma condição pessoal de alienação, mas um instrumento político que dissolve o potencial revolucionário na sociedade. Promove a ideia de que cada um é responsável pelo seu próprio bem-estar e de que os problemas sociais só podem ser superados através do esforço individual. Esta ideia é uma armadilha – esconde o facto de que os problemas da jovem mulher não são deficiências individuais, mas sim a expressão de um sistema político e social completo com o objetivo de nos oprimir e manter para baixo.

A IDEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO COLETIVA

A resposta a este isolamento e divisão é proposta por Abdullah Öcalan, pensador ideológico do Movimento de Libertação Curdo, cujos pensamentos e teorias destacam a necessidade de libertação coletiva e de um amplo movimento de solidariedade.

A resposta a este isolamento e divisão é proposta por Abdullah Öcalan, pensador ideológico do Movimento de Libertação Curdo, cujos pensamentos e teorias destacam a necessidade de libertação coletiva e de um amplo movimento de solidariedade.

A sua filosofia está enraizada na libertação da mulher não apenas como parte de um processo político, mas como a questão central de uma revolução social completa. Para Öcalan, a questão da liberdade das mulheres não pode ser separada da questão da libertação de todos os povos e classes oprimidas. Abdullah Öcalan fala de “Confederalismo Democrático” baseado na solidariedade, cooperação e autoadministração. Esta teoria política opõe-se diretamente às estruturas capitalistas e de Estado-nação, que assentam em hierarquia, exploração e violência. Com a proposta do Confederalismo Democrático, defende uma sociedade que superou o capitalismo e se organiza num sistema descentralizado não centrado no poder.

A filosofia política de Öcalan é uma nova avaliação radical das normas sociais até hoje. Exige o reconhecimento de nós, mulheres, como protagonistas da sociedade e como base de uma nova ordem social. Para Öcalan, a organização das mulheres não é apenas uma necessidade política, mas o passo mais importante para um mundo mais justo e livre.

A PSICOLOGIA DA ALIENAÇÃO: A FORMA COMO O SISTEMA ISOLA AS JOVENS MULHERES

A dimensão psicológica do isolamento da jovem mulher é de importância decisiva, pois revela não só as formas externas e visíveis de opressão, mas também aquelas que atuam profundamente no interior.

Comentários sexistas, a redução das mulheres ao seu aspeto, a constante objetificação dos nossos corpos e a minimização da violência sexual são apenas alguns dos mecanismos que causam isolamento. Muitas de nós, jovens mulheres, acreditamos que temos de obedecer para sermos reconhecidas e respeitadas. Vemos os nossos problemas como desafios pessoais e não como lutas coletivas. Os meios de comunicação, a publicidade e os discursos públicos repetem continuamente: “Tens de ser perfeita para conseguir alguma coisa”, “Tens de te curar a ti mesma para sobreviveres”, “Os teus problemas são só teus e tens de os ultrapassar sozinha.”

Esses padrões de pensamento levam a um fardo psicológico profundo e a um sentimento de alienação. Começamos a isolar-nos nas nossas experiências e a negar os aspectos coletivos da nossa opressão. Este isolamento psicológico é mantido pelo sistema, que recusa criar plataformas para as vozes das mulheres e disfarça sistematicamente as nossas experiências de violência, discriminação e tratamento desigual.

A RESPOSTA COLETIVA: A SOLIDARIEDADE COMO ARMA DE RESISTÊNCIA

A resposta a este isolamento não é fugir para o individualismo, mas sim a organização coletiva. Nós, mulheres,

precisamos de ter consciência da natureza coletiva da nossa experiência e de estruturas de solidariedade para unir as nossas forças. O caminho para a libertação não pode ser encontrado na luta individual, mas na ação coletiva. Este movimento coletivo não só pode encorajar a resistência contra estruturas patriarcais, mas deve levar a uma reestruturação fundamental das condições sociais.



Abdullah Öcalan sublinhou repetidamente que a organização coletiva das mulheres não é apenas uma condição para a liberdade das mulheres, mas também para o sucesso de qualquer movimento revolucionário. A solidariedade entre mulheres, a sua colaboração e apoio mútuo são a base de qualquer movimento social transformador. A força que nos permite, enquanto mulheres, superar a violência patriarcal e transformar a sociedade vem da organização.

RESISTIR À VIOLÊNCIA SEXUAL, DO ISOLAMENTO À SOLIDARIEDADE

A resistência à violência sexual é um exemplo central da necessidade de organização coletiva. A violência sexual contra mulheres é ignorada ou banalizada em muitas partes do mundo, especialmente em sociedades patriarcais. Esta violência torna-se uma parte invisível do tecido social, empurrando as mulheres para um isolamento profundo. A violência pode ser revelada e combatida através da criação de redes, de organizações de apoio às vítimas e de reelaboração coletiva das experiências. A educação ideológica e política deve sempre liderar estas redes, pois elas constroem a nossa resistência ideológica contra estes ataques.

Se encontrarmos uma forma ativa de lutar contra o sistema destrutivo em conjunto com outras mulheres, sentiremos a nossa agência e força de vontade crescer, o que também nos fortalecerá mentalmente para nos focarmos no nosso objetivo comum.

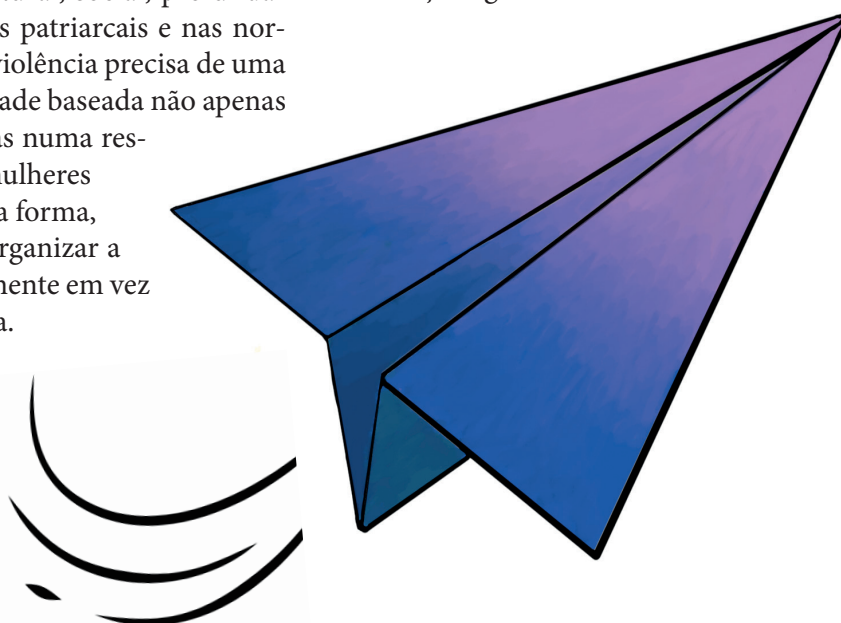
A violência sexual não deve ser vista como uma questão isolada – é um problema estrutural, social, profundamente enraizado nas estruturas patriarcais e nas normas sociais. A luta contra essa violência precisa de uma ampla transformação da sociedade baseada não apenas em abordagens individuais, mas numa resposta coletiva que dê força às mulheres em todas as áreas da vida. Desta forma, podemos fortalecer-nos para organizar a resistência e combatê-la eficazmente em vez de apenas denunciar a violência.

O caminho para sair do isolamento passa pela criação de redes de solidariedade e movimentos políticos que enfrentem a violência patriarcal de forma coletiva. Movimentos feministas e organizações autônomas de jovens mulheres que unam mulheres de todos os grupos sociais e regiões geográficas são capazes de criar espaços de apoio e resistência. Aqui, as jovens mulheres podem viver a sua força coletiva, partilhar as suas histórias e desenvolver uma estratégia coletiva de resistência. Esta é a chave para quebrar o poder aparentemente inquebrável do sistema patriarcal – através da solidariedade e da comunidade.

LIBERTAÇÃO POLÍTICA: A LUTA ORGANIZADA COMO BASE PARA UMA NOVA SOCIEDADE

As implicações políticas da organização coletiva são profundas. Não só Abdullah Öcalan, mas muitos movimentos feministas globais veem o papel central da libertação das mulheres na transformação da sociedade como uma questão fundamental. Para Öcalan, a libertação das mulheres das normas patriarcais e da exploração capitalista é condição prévia para qualquer revolução. Um movimento revolucionário que luta pela liberdade e bem-estar de todos os seres humanos tem de entender o bem-estar das mulheres como o centro da sua teoria e prática. Só uma sociedade que reconheça as mulheres na sua plena liberdade e lhes permita participar igualmente nos processos sociais pode ser considerada justa.

Este pensamento não é uma utopia vazia, mas um objetivo político prático que pode ser alcançado através da força organizada das mulheres. Em muitas regiões



do mundo, já vemos exemplos de movimentos de mulheres organizadas e partidos políticos que lutam com sucesso contra a violência patriarcal e a injustiça social. Esses movimentos não só resistem ao sistema existente, mas propõem uma alternativa às estruturas patriarcais autoritárias do passado.

A transformação política e social que foi criada pelas lutas do movimento de mulheres curdas inclui tanto a questão da participação política como da emancipação cultural e social. Temos de questionar e superar normas tradicionais que restringem as mulheres a um papel restrito e oprimido. Este caminho precisa de uma revolução política e cultural para reconhecer as mulheres como protagonistas iguais em todas as áreas da sociedade.

O CAMINHO PARA A LINHA DA FRENTE: UMA SOCIEDADE DE RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE

A resistência contra o sexismo e a violência patriarcal precisa de uma postura revolucionária que vá além do protesto individual e vise a organização coletiva. Isto significa enfrentar a discriminação e violência diárias e, ao mesmo tempo, atacar as estruturas mais profundas do sistema.

A visão política de Abdullah Öcalan oferece uma orientação clara para essa resistência. A sua teoria do Confederalismo Democrático visa uma sociedade baseada na solidariedade, igualdade e democracia direta. Essa sociedade considerará as mulheres como protagonistas iguais a moldar o futuro da sociedade, não como seres subordinados. As jovens mulheres têm de se organizar globalmente como parte da resistência global contra a exploração, opressão e violência patriarcal para concretizar essa visão. Os movimentos de mulheres que surgem em muitas partes do mundo são passos importantes nesse caminho. Esses movimentos não lutam apenas pelos direitos das mulheres, mas também por uma transformação profunda e total das condições sociais, económicas e políticas. Opondo-se ao capitalismo, ao Estado-nação e ao patriarcado numa luta unificada.

A liberdade das mulheres é uma questão de igualdade dentro do sistema existente e também um movimento político profundo que visa mudar as estruturas da sociedade na sua totalidade.

A RESISTÊNCIA COLECTIVA COMO CHAVE PARA A LIBERDADE

A liberdade da jovem mulher está intimamente ligada à libertação da sociedade como um todo. Jovens mulheres em luta por todo o mundo provam todos os dias que essa resistência é possível. Desde as ruas do Curdistão até à Índia, jovens mulheres arriscam as suas vidas para gritar “Jin, Jiyan, Azadi”. No Chile, mulheres transformam a canção “Un violador en tu camino” num grito internacional. Na Europa, estudantes e trabalhadoras revoltam-se contra estruturas patriarcais na educação e na vida quotidiana. Em Rojava, as mulheres lutam e lideram a construção de uma sociedade democrática.

Estes exemplos não são exceções – são a expressão de um despertar global. Onde quer que nós, jovens mulheres, lutemos juntas, algo novo é criado: consciência, coragem, capacitação – mas acima de tudo um processo coletivo que destrói o molde da impotência pessoal. A mais recente mensagem de Abdullah Öcalan à juventude disse, por esta razão:

"Organizem-se – e organizem os outros"



COMBATA O LIBERALISMO!

VAMOS RECONQUISTAR NOSSAS VIDAS!



Paolo Barontini

Quando pensamos sobre o liberalismo, podemos ver muitas tentativas diferentes de defini-lo: alguns o chamam de sistema econômico, alguns o definem como uma compreensão filosófica do Estado e sua relação com o indivíduo, e outros o definem como uma resposta contra o conservadorismo e a política reacionária. Os ideólogos do sistema estão tentando defini-lo de muitas maneiras diferentes com o objetivo de legitimá-lo. Por outro lado, quando tentamos defini-lo e entendê-lo, não devemos cair nessas armadilhas. Na verdade, não devemos entendê-lo apenas em seu significado econômico, como regra do livre mercado. Em vez disso, precisamos descrever e analisar o liberalismo como um sistema de pensamentos, regras, emoções e conceitos que é a principal arma ideológica da Modernidade Capitalista. De cima para baixo, é a maneira como o sistema é imposto dentro e sobre a sociedade com o objetivo de enfraquecer a capacidade de resistência e organização da sociedade. Mas para entender melhor, precisamos olhar para a história e entender por que o sistema de dominação viu como necessário destruir a resistência social.

COMO ERA A HISTÓRIA ANTES DO LIBERALISMO?

Desde o início da humanidade, podemos dizer que a sociedade desempenhou um papel fundamental em nosso desenvolvimento como seres humanos. Se olharmos para o jeito que somos, começando pelos nossos aspectos biológicos, podemos entender melhor por que a sociedade sempre foi fundamental para nós. Os humanos não têm mecanismos naturais de defesa, ao contrário dos pássaros, que têm asas para voar em caso de perigo. Também não conseguimos detectar perigos e oportunidades a centenas de metros de distância, como certos animais. Para isso, desde o surgimento da humanidade no continente africano até sua expansão na Mesopotâmia, no limiar da Revolução Neolítica, desen-

vovemos a sociedade e a organização dela como nosso mecanismo de defesa contra perigos e insegurança. A organização coletiva de tarefas básicas, como coletar alimentos e se proteger contra perigos externos, tem sido tanto o propósito da continuidade da sociedade quanto o meio central pelo qual ela tem sobrevivido. A partir deste ponto, uma compreensão mais significativa da sociedade se desenvolveu através da linguagem, cultura, modos específicos de viver e organizar a vida, e crenças religiosas conectadas com a sacralidade dessas sociedades.

Em suma, quando olhamos para a história da humanidade podemos ver que o ser-sociedade desempenhou para nós como espécie humana a condição de “ser ou não ser”.

É importante saber disso porque, quando avançamos para os dias de hoje, podemos ver que esse significado profundo e o valor de estar conectado com a sociedade estão sob forte ataque. A tentativa do sistema de dominação é destruir a sociedade, tentando consolidar o triunfo do individualismo criando uma contradição entre o indivíduo e a sociedade. É isso que chamamos de ideologia do liberalismo. É esse ataque mais cruel contra a sociedade que podemos avaliar como uma tentativa de alcançar uma vitória final sobre a democracia, destruir uma vida justa e livre e completar a matança da sociedade.

MAS O QUE SIGNIFICA LIBERALISMO? O QUE ISSO ESTÁ EXPRESSANDO?

Como mencionado acima, podemos defini-lo como uma das principais armas da modernidade capitalista: em sua essência, ele tem uma compreensão de liberdade que exige que a liberdade individual seja priorizada e colocada em contradição com a vida comunitária. É a ideia de que fora da liberdade da fórmula “Me, Myself and I”, nada mais há para ser alcançado. O liberalismo surgiu como ideologia durante a Revolução Francesa, na qual a classe média, sob o lema “Liberté, Egalité, Fraternité (Liberdade, Igualdade, Fraternidade)”, conseguiu transformar um período de transformação social radical e uma revolução de todo o povo no início dos tempos mais individualistas e perigosos da sociedade e da humanidade.

Especialmente como Juventude, precisamos estudar, entender e discutir mais a maneira como o liberalismo está tentando reproduzir sua existência através de nossas vidas, corpos e mentes. Dessa forma, podemos lutar e exercer o papel de vanguarda que as jovens e os jovens sempre tiveram nas revoluções, na resistência e na defesa geral da sociedade. Como as características e atitudes liberais aparecem em nossas vidas? Que sentimentos o liberalismo está criando? Que tipo de indivíduo eles estão tentando alcançar? Para começar a responder a essas perguntas, o ponto principal do nosso estilo de vida vem à tona: da maneira como nos levantamos de manhã até o momento em que voltamos a dormir, a qual sistema nosso estilo de vida está servindo? Quando dizemos que nós, como jovens, queremos produzir uma mudança dentro de nossas sociedades e comunidades, precisamos, antes de tudo, produzir essa mudança dentro de nós mesmos. Neste sentido, a questão básica de “Como viver?” torna-se para nós uma bússola: enquanto não conseguirmos viver cotidianamente de acordo com os princípios e valores que queremos ver dentro de nossas sociedades e do mundo, também não seremos capazes de desempenhar nosso papel de vanguardas revolucionárias.

Nesse sentido, o desenvolvimento de um estilo de vida de acordo com o que é belo, certo e justo precisa nos sustentar.

Por outro lado, o liberalismo quer promover um modo de vida em que não estamos mais no comando de nossas vidas. A partir do trabalho que fazemos, da universidade em que estudamos, dos desejos e ambições que temos, das escolhas que fazemos no dia a dia, somos forçados a viver uma vida que não é verdadeiramente nossa.

COMO ESTAMOS VIVENDO UMA VIDA QUE NÃO É NOSSA?

RELACIONAMENTOS

Desde a infância até os dias atuais, somos influenciados pelos filmes que assistimos, pelas séries de TV que gostamos e, ainda mais hoje, pelos papéis que as mídias digitais e tecnologias como a Inteligência Artificial desempenham na vida contemporânea. Podemos facilmente observar como, por meio da mídia e da tecnologia, o sistema dominante está tentando moldar a maneira como vemos o mundo. Podemos partir da ideia de amor, amizades e relacionamentos. Hoje, o sistema está tentando liberalizá-lo, torná-lo mais diverso na superfície, chamando-o de alternativo, mas, no final, em sua essência, há apenas uma cor, uma única forma possível através da qual os humanos podem se relacionar uns com os outros. Ou seja, nos é oferecida a ideia de um relacionamento romântico clássico hipersexualizado, em que nossas emoções, reflexos e desejos subconscientes profundos estão escondidos por trás dessa ideia. Ela nos alimenta com uma ideia de amor — que tem uma das emoções mais sagradas da história humana — que está corrompida em sua essência. De forma falsa e simulada, o liberalismo está hoje tentando nos impor a noção de que só podemos amar a nós mesmos e, no máximo, uma pessoa, e que essa é a única maneira pela qual podemos pensar, sentir e expressar amor hoje. Dessa forma, somos levados a pensar que essa é a maneira “natural” como os humanos sempre viveram. A opressão patriarcal no sistema encontra, dessa forma, no liberalismo seu aliado mais precioso.



UMA “CULTURA” DE IMITAÇÃO SEM FIM

Ao mesmo tempo, por meio da mídia digital, da TV e assim por diante, o liberalismo tenta impor uma cultura de imitação sem fim. Da maneira como queremos nos parecer aos produtos que desejamos nas propagandas, passando pelos sonhos que temos, o liberalismo com o uso da mídia de massa está criando uma cultura de imitação. Uma cultura em que não há mais diferenças entre os povos. O liberalismo, ao se vender como a opção mais livre, diversa e colorida que lutou e derrotou o “caminho unicolor” do Socialismo Real, agora criou o estilo de vida mais repetitivo, simulado e nada original que a humanidade já viu.

ESCOLA E TRABALHO

À medida que crescemos e somos educados dentro das escolas e universidades do sistema, podemos facilmente ver de acordo com quais ideias e conceitos eles estão tentando moldar nossas personalidades. Isso parte da ideia de trabalho de sucesso, que não é entendido como algo que beneficia e serve à sociedade, mas apenas de encontrar uma maneira para você, como indivíduo solitário, sobreviver e derrotar os outros. Valores como cooperação, empatia e sacrifício, que sempre foram características básicas de qualquer sociedade, não importam mais. Em vez disso, eles são completamente apagados do liberalismo e dos modos de vida que ele nos oferece.

“CULTURA DE ESQUERDA”

Outro aspecto fundamental da capacidade do liberalismo de manipular os jovens é através da venda de simulações de vida alternativa. Por exemplo, muitas pessoas podem ter crescido em áreas mais rurais, nas quais as mentalidades patriarcais são mais evidentes e opressivas. Quando esses jovens começam a estudar ou trabalhar em uma cidade grande, eles podem vivenciar contradições com o ambiente de onde vêm. Dentro da cidade, agora se vendendo como “cultura de esquerda”, o liberalismo tentará propor uma alternativa ao modo de vida da aldeia que pareça mais moderno e progressista. Essa vida é baseada principalmente na disseminação de festas, drogas e os chamados “relacionamentos alternativos”. Mas dessa forma, eles querem capturar e fechar o potencial de busca por relacionamentos e vida verdadeiramente livres que o contexto mais opressivo da aldeia não estava permitindo. Mas isso não é alternativa: é o mesmo produto vendido, mas com uma nova

embalagem e cores mais “progressivas” que não trarão soluções. Assim, o liberalismo também tenta influenciar a maneira como podemos pensar sobre a organização política e sobre a luta.

Quando observamos atentamente como sentimos, falamos e pensamos, podemos ver que, por mais que tenhamos mudado algum aspecto superficial, ainda percebemos o quão profundos esses conceitos estão dentro de nós. Podemos dizer que somos socialistas ou revolucionários, mas não podemos realmente compartilhar nossas coisas com os outros. Podemos falar sobre uma organização coletiva ou política, mas vivemos sozinhos dentro de nossos grandes apartamentos para que possamos ter nosso “tempo para mim” e desabafar no isolamento. Ou talvez ainda estejamos apegados ao nosso dinheiro privado e não queremos compartilhá-lo com mais ninguém. E por mais que chamemos muitos amigos de “nossos camaradas”, ainda temos uma ou duas pessoas que colocamos acima de todas as outras. O que queremos dizer aqui é que, para mudar radicalmente nossa mentalidade e desenvolver uma personalidade democrática, socialista ou revolucionária, precisamos lutar radicalmente contra os aspectos mais ocultos e profundos do liberalismo dentro de nós, como as ideias de propriedade, exclusividade e individualismo.

Então, camaradas, o que devemos fazer com tal sistema?

+ ORGANIZAÇÃO

É claro que nós, jovens, precisamos lutar e encontrar soluções contra todos esses ataques que o liberalismo está lançando contra nós. Sem dúvida, a questão da organização é uma das mais importantes. Se lutamos contra um sistema que tenta nos fazer ser “um por um”, então nossa resposta precisa ser coletiva. Mas isso por si só não será suficiente, pois o liberalismo brinca com nossas palavras, emoções e princípios para torná-los confusos. Precisamos construir nossa organização com princípios claros, valores claros e uma maneira clara de lutar juntos em torno da qual nos organizamos. E é claro que precisamos impulsionar um estilo de vida radical e diferente, fora daquele do sistema.

Precisamos recuperar a unidade dentro de nossa vida. Não podemos separar o lugar onde nos organizamos da nossa vida normal. Não pode haver momento vazio, nem espaço vazio em nossas vidas. Entender tudo dentro de nossas vidas como uma luta nos fará seguir em frente.

+ EDUCAÇÃO

Educação e autoeducação estão entre as ferramentas mais importantes em nossa luta contra o sistema e o liberalismo. Não se trata apenas de estudar e conhecer melhor nossas histórias, mas também porque, quando entendemos a educação como um lugar de luta, um lugar de transformação de mentalidades equivocadas, individuais e opressoras em mentalidades democráticas, comunitárias e socialistas; então as soluções que encontraremos contra o isolamento do sistema se multiplicarão enormemente. A educação nesse sentido é fundamental para muitas coisas. Quando somos crianças, assim como aprendemos a contar e a falar, também aprendemos uma maneira de sentir, ver e interpretar o mundo. Para isso, uma educação capaz de transformar as mentalidades que o sistema impôs dentro de nós terá um papel fundamental. Com isso, construiremos nossa compreensão verdadeira e original de nossas vidas e do mundo que queremos construir.

+ DEFESA DA CULTURA E DA TERRA

Mais uma vez, um elemento muito importante para levar adiante nossas lutas é a ideia de nos reconectarmos com a terra de onde viemos, com os valores sociais que foram cultivados ali. Devemos tentar viver a cultura deste lugar de uma forma que seja socialista e não reacionária, ou seja, de uma forma que insista nos humanos e na sociedade. Reber Apo, Abdullah Öcalan definiu o socialismo como o antídoto mais forte contra o liberalismo. É claro que quando fazemos isso, não devemos cair em armadilhas fáceis como romantizar ou idealizar tudo o que vem do lugar de onde viemos. Precisamos analisar

e discutir com nosso povo para entender quais valores, princípios, aspectos culturais e sociais são democráticos e socialistas e quais não são. Mesmo na Europa, há muito a descobrir na história que o liberalismo apagou para fazer parecer que o modo de vida atual triunfou. Mas não é assim. O presente é o resultado do que veio antes, mas está absolutamente aberto a mudanças agora.

= LIBERTE A VIDA!

Como conclusão, queremos acrescentar isto: lutar contra o liberalismo significa propor e lutar ao máximo para alcançar uma personalidade que esteja mais conectada com as características da Juventude. Lutar contra o esquema imposto de sentimentos, trabalho, sucesso que o sistema nos impõe, significa recusá-los e criar novos. Contra o vazio e a repetição sem fim do liberalismo, Juventude significa renovar-se sempre, nunca ficar o mesmo, recusando o esquematismo e o dogmatismo que ainda são as mesmas faces do liberalismo. Precisamos encontrar nossa energia e dar força uns aos outros. Dessa forma acreditamos que seremos capazes de avançar em direção a um modo de vida mais original que o liberalismo nos tirou.

VAMOS RECONQUISTAR NOSSAS VIDAS! ●



FAZENDO O COMUM



Uma jornada à comunidade zapatista

Parte 1 de uma reportagem produzida em dezembro de 2024 e janeiro de 2025 pelo coletivo “caracteresnoexistentes” para a revista Lêgerin.

O CAPITALISMO NÃO ACREDITA QUE IRÁ DESAPARECER

Em uma escola nos arredores da cidade, aninhada no meio de uma floresta de pinheiros, grandes salas de madeira são usadas para ensinar habilidades de trabalho aos alunos indígenas. As paredes são adornadas com murais coloridos que refletem temas de autonomia, natureza, caracóis e outras artes zapatistas. Várias áreas oferecem uma variedade de itens para venda, incluindo camisetas, adesivos, livros, calendários, pipoca, sanduíches de presunto e frango, espiga de milho e mangas com chili. Este é o ambiente acolhedor do CIDECI Uni-Tierra, sede dos Encontros de Resistência e Rebelião. Foi aqui que cerca de 900 Compas Zapatistas reuniram pessoas do mundo todo. Estima-se que 1.079 participantes de 46 países e de todo o México assinaram a Declaração pela Vida.

Em duas salas compridas, diferentes mesas redondas eram realizadas onde defensores da vida explicavam as consequências de La Tormenta (a tempestade) — o crime, o perpetrador e as vítimas do capitalismo, cada um falando sobre a situação local e global. Eles discutiram temas que vão desde o contexto na Palestina, revisitando o “Tour pela Vida” na Europa, até Chiapas, onde uma guerra de baixa intensidade está sendo travada devido ao conflito entre grupos paramilitares, cartéis de drogas, a guarda nacional e a falha do Estado mexicano em proteger as pessoas que vivem lá. Com tudo isso, tivemos tempo de vislumbrar a grande tempestade que se aproxima. Foram apresentadas questões como a destruição da Terra, pessoas desaparecidas, mães em busca de ajuda, guerras, morte, ganância e a voracidade do capitalismo. Uma parte central do encontro foi obter uma compreensão do processo de reestruturação pelo qual sua organização está passando. Os companheiros zapatistas lembraram por meio da autocrítica o que aconteceu em seus 31 anos de luta, seus mártires, suas conquistas e o que agora reconhecem como seus erros.

Elas se aprofundaram nas mudanças pelas quais passaram em sua autonomia, identificando o papel das mulheres na luta desde a criação da lei revolucionária

das mulheres em 1993 e seu processo autônomo dentro do movimento. O subcomandante Moisés explicou a nova forma de governo que está em vigor desde o ano passado, em seu 30º aniversário, onde eles buscam virar a pirâmide de cabeça para baixo — mudando as formas de organização, facilitando a participação de todas as pessoas e tendo mais pessoas no comando.

Uma das maiores e mais importantes mudanças é a da Proibição de Propriedade, o que significa que as terras zapatistas e os serviços autônomos que elas oferecem (escola, saúde, serviços veterinários e muito mais) serão para todas as pessoas que vivem nessas áreas. As terras pertencerão a todos e a ninguém, aos zapatistas, aos apoiadores dos diferentes partidos do governo e ao povo. “O Comum” é o novo paradigma, duas palavras tão repetidas neste encontro e desde o ano passado.

ENTRE CUMBIAS E ESPERANÇAS

Após três dias de reuniões no CIDECI, os zapatistas nos convidaram para celebrar o 31º aniversário do levante armado. Foi difícil encontrar transporte porque há muito pouco, não vai diretamente para os Caracoles e a estrada está cheia dos perigos que os Zapas denunciam continuamente. Todos os participantes do encontro se organizaram para viajar juntos. Pegamos um micro-ônibus com vários internacionalistas e partimos pelas montanhas do sudeste do México. Verde, frondoso e com a neblina sempre presente, chegamos ao Caracol Oventic, onde acontecerá o Festival-Encontro Cultural Zapatista e seu aniversário.

A entrada era uma longa descida cercada por estruturas coloridas com diferentes funções — uma pequena loja com artigos feitos pela comunidade, a cantina Lo Común, o espaço Tercios Compas (mídia livre e autônoma), a clínica dos promotores de saúde, áreas de dormir, a escola zapatista e muito mais. O caminho leva a uma grande esplanada no meio de tudo. Naqueles dias, as músicas eram compartilhadas por artistas que se sentiam chamados a compartilhar palavras de luta, raps, poesias, danças, rituais e comidas, enquanto as noites eram reservadas para participar da dança popular.

A primeira peça que os jovens zapatistas fizeram para nós girou em torno de “A Tempestade”, onde descreveram o quão violento é o capitalismo, cruel, desumano e criminoso; O colapso inevitável do mundo diante deste sistema voraz.

Eles finalizaram com a peça “O Dia Seguinte”, na qual imaginam um mundo sem capitalismo — as pessoas que conseguem sobreviver se organizam para “O Comum”. Eles descreveram um mundo sem grandes corporações, empresas farmacêuticas ou agroquímicos. Não haveria propriedade, ninguém poderia controlar o conhecimento e lucrar com ele, o uso de plantas medicinais, fazer fogo, fazer roupas, trabalhar a terra, cerâmica, política, etc. Tudo deveria ser em comum e o dinheiro não existiria mais. Para isso, são designados representantes que ajudam a organizar o processo, pois são as pessoas que serão responsáveis por tomar decisões em cada espaço.

No dia 1º de janeiro foram comemorados os 31 anos do início da guerra contra o esquecimento. Duas horas antes da meia-noite, entre o silêncio e a neblina, ouviu-se um estrondo de passos, a terra tremeu. Centenas de milicianos zapatistas uniformizados desceram a montanha

do topo do Caracol para celebrar o momento conosco. Eles se alinharam de forma ordenada diante do Subcomandante Moisés, que falou dos anos de resistência e rebelião e dos mártires que não desistiram, não se venderam e não se renderam. O discurso foi traduzido para o tzotzil e o tzeltal, as línguas mais faladas na região.

O que esse encontro, junto com outras experiências com os zapatistas, nos deixa é, por um lado, a necessidade de compartilhar as esperanças dos outros mundos que já existem e reconhecer o quanto já temos em comum. Por outro lado, nos dá a oportunidade de nos perguntar não apenas se estamos prontos para a tempestade — uma tempestade que certamente virá e mudará o mundo como o conhecemos — mas também como será a tempestade no lugar onde vivemos? Como enfrentamos a tempestade e quem são nossos companheiros? Ela nos convida a imaginar o dia seguinte. Como seria um mundo sem capitalismo?

**Como nos organizamos?
Como podemos criar o Comum?
E quem está disposto a participar
desse esforço? ●**



*“Comunidade / Organização / Mãe Terra / Unidade / Novo”
Jovens mulheres zapatistas, dezembro de 2024*



Şehîd Ronahî Yekta

A mártir da luz



Pelîn Zozan

Memórias de uma jovem revolucionária que lutou todos os dias com espírito de vanguarda e amor pelos seus companheiros!

Ronahî em curdo significa luz. Luz na escuridão, luz como esperança, como os raios que saem do sol, que nos fazem ver e nos mantêm aquecidos, que dão cor e criam vida. Para nós, a luz tem um significado especial, pois também é iluminação. A luz é o sorriso em um rosto brilhante e é um lembrete para nós do sol que espalha sua luz por toda parte e faz nascer um novo dia.

Şehîd Ronahî, Arşîn Hisên, adotou esse nome e com sua personalidade e modo de viver nos fez entender ainda mais o que Ronahî significa ser a luz, ser Ronahî.

Ronahî Yekta era uma jovem revolucionária de Efrin. Ela se juntou à luta pela liberdade em 2012 como uma decisão de vingança e decidiu se tornar uma das jovens de vanguarda que continuariam a luta dos revolucionários como Şehîd Rustem Cudî. O martírio dele por ela foi um ponto decisivo para que ela tomasse a decisão de dar esse passo.

Apartir daí, Şehîd Ronahî fez parte do movimento revolucionário da juventude e organizou a juventude em muitas cidades e lugares por todo o nordeste da Síria. Não apenas os jovens curdos, mas os jovens de todas as etnias se tornaram amigos dela e se juntaram

à luta. Para muitas jovens, Şehîd Ronahî se tornou a inspiração para que elas dessem seus próprios passos na luta pela liberdade. O que cativou todos esses jovens foi o amor com que ela abordava cada amigo. Sua maneira de dar valor às pessoas, sua gentileza e o hevaltî (camaradagem profunda) que ela construía com os amigos ao seu redor, tudo isso fomentava a beleza em cada pessoa que ela conhecia.

Tive a oportunidade de conhecer Şehîd Ronahî pela primeira vez nas montanhas. Ela trançava seus cabelos muito longos. Sua trança ficava sobre os ombros, combinando com as belas roupas da Guerrilha.

Quando ela se movia, eu olhava para seus longos cabelos balançando com seus movimentos leves, e sempre sentia como se ela não estivesse andando como as outras pessoas. Seus movimentos eram tão leves e rápidos, que faziam com que todos ao seu redor sentíssemos essa leveza, alegria e beleza da vida. Ainda me lembro muito bem do seu sorriso e do som das suas risadas e piadas e de como ela fazia os amigos ao seu redor se sentirem tão felizes a cada minuto que passavam juntos.

Também soube naquela época que ela havia sido ferida durante os ataques do Estado turco na época da ocupação de Efrin. Uma bala atravessou sua perna, mas isso não a impediu de andar, dançar e espalhar alegria por toda parte. Isso me fez ver e sentir o quão forte Şehîd Ronahî era e me fez entender mais uma vez o espírito e o caráter da vanguarda revolucionária dentro do PKK e sua Guerrilha.



Nos anos seguintes, na época da ocupação de Serê Kaniyê e Girê Spî, Şehîd Ronahî decidiu ingressar no YPJ. Mais uma vez ela decidiu se vingar e lutar. Sua luta pela liberdade e libertação das áreas ocupadas continuaria até a resistência da Represa de Tishreen, onde, ainda jovem, ela se tornou uma das comandantes de vanguarda da resistência e da luta travada ali. Şehîd Ronahî estava desempenhando um papel importante na represa de Tishreen. Ela lutava com forte insistência. Seu sorriso era visto em todas as filmagens feitas, sempre espalhando alegria mesmo nos momentos mais difíceis. Sua personagem foi o espírito líder que levou a resistência na Represa Tishreen ao sucesso. Mais uma vez, ela foi uma das comandantes do YPJ que criou a crença na vitória e espalhou essa crença como raios de sol por toda parte, de Tishreen à ponte Qereqozaq.

O SNA turco foi repellido na batalha de Tishreen. A vanguarda do YPJ brilhou mais uma vez na pessoa de Şehîd Ronahî em Tishreen e sua resistência estabeleceu o padrão para esta fase de luta e as batalhas contínuas travadas. A mensagem era clara para todos nós. Foi o espírito dela que levou essa batalha ao sucesso. Foi com Ronahî que Tishreen se tornou o símbolo da resistência e do sucesso do povo. Em sua coragem e força para lutar, ela era um símbolo da vanguarda feminina.

Ela nos mostrou que esta seria a queda da escuridão que carrega o nome do Estado, do poder e da morte. É por isso que Şehîd Ronahî era tão temida pelo estado turco e se tornou um alvo. Şehîd Ronahî alcançou o martírio na barragem de Tishreen em 25 de Dezembro de 2024. Mas ela nunca será esquecida por ninguém que lutou e participou dessa resistência. A resistência da Represa Tishreen e seu sucesso entrarão para a história com o nome do navio de vanguarda do YPJ personificado por Şehîd Ronahî Yekta.

*"O seu carácter foi o espírito guia
que conduziu a resistência na
Barragem de Tishreen ao sucesso.
Ela foi uma das comandantes das
YPJ que criou a crença na vitória
e espalhou essa crença como raios
de luz do sol..."*

‘Meu maior sonho é encontrar o Rêber Apo em Amed!’

Este era o maior objetivo de Şehîd Ronahî e para isso ela trabalhou, lutou, se organizou e lutou até o dia em que chegou ao martírio. Para nós, jovens internacionalistas deste século, é uma mensagem e um chamado para assumir essa responsabilidade, realizar esses sonhos e dar continuidade aos objetivos nos quais Şehîd Ronahî acreditava e pelos quais trabalhava

Assim como Şehîd Ronahî, muitas jovens se tornaram símbolos de resistência e o que essas jovens criaram é uma cultura de Deusas. Şehîd Ronahî sentia profundamente em seu coração sua responsabilidade como jovem mulher para com os Mártires e a Revolução e este foi o caminho que ela escolheu. Muitos amigos internacionalistas que vieram para Rojava também tiveram a oportunidade de conhecê-la e fazer parte do hevaltî que ela construiu. Agora, continuaremos esta hevaltî e mais uma vez prometemos continuar seu caminho, contando a todos sobre suas histórias, caráter, sua luta, sua beleza e suas paixões. Assim como Şehîd Zîlan, Sema e Delal, Şehîd Ronahî é uma das Jovens Mulheres da história que nunca será esquecida.

Vanguardas como ela são aquelas que escreveram a história e mudaram o destino em direção a um futuro com liberdade ●

O que aconteceu na História?



1 de maio de 1886 (EUA)

No dia 1º de maio de 1886, mais de 50.000 trabalhadores saíram às ruas para impor a jornada de oito horas aos proprietários da burguesia; Tal ação foi vista por muitos anarquistas e socialistas como o primeiro passo para construir uma força internacionalista da classe trabalhadora, capaz de enfrentar as demandas opressivas da sociedade capitalista. O governo respondeu às reivindicações dos trabalhadores com balas e violência. Dois dias depois, durante uma manifestação de trabalhadores na praça Haymarket, policiais começaram a atacar e atirar nos promotores. O resultado final foi quatro mártires e mais de cem feridos. A partir desse ponto, o governo dos EUA iniciou uma “caça vermelha” contra sindicalistas, socialistas e anarquistas, executando muitos deles dentro e fora dos tribunais. Todo dia 1º de maio é comemorado mundialmente como um reconhecimento da luta dos povos por uma sociedade mais justa.



8 de maio de 1993 (Indonésia)

Marsinah era uma sindicalista independente e funcionária de uma fábrica de relógios em Java Oriental, Indonésia. Ela estava desempenhando seu papel de negociadora em nome dos 500 trabalhadores em greve pela falha em implementar o salário mínimo e a autonomia sindical por seus empregadores, quando, no dia 5 de maio, foi sequestrada por membros do comando militar do distrito de Sidoarjo, em retaliação a uma manifestação contra a brutalidade do Estado contra os trabalhadores. Seu corpo foi encontrado 3 dias depois, perto da fábrica onde ela trabalhava. A autópsia subsequente encontrou evidências de tortura e estupro. Os assassinos nunca foram levados a julgamento, mas em resposta à sabotagem das investigações pelo estado, o Comitê de Solidariedade por Marsinah (KSUM) foi formado logo após sua morte. O KSUM é um comitê fundado por 10 ONGs especificamente para apoiar e investigar o assassinato da ativista sindical Marsinah, bem como para dar continuidade às lutas pelos direitos dos trabalhadores.



25 de maio de 2020 (EUA)

O assassinato de George Floyd, um homem negro, por um policial branco, aconteceu neste dia em Minneapolis e foi um lembrete claro do racismo sistêmico e da violência estatal que oprimem comunidades distintas em todo o mundo. Este assassinato desencadeou protestos globais, como o renascimento do movimento “Black Lives Matter”.

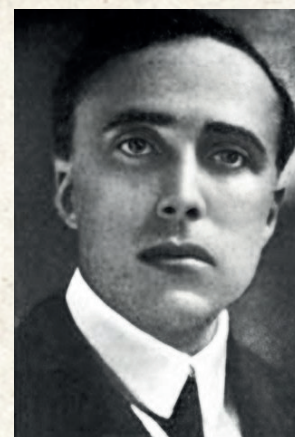
7 de junho de 1881 (Japão)



Kanno Sugako nasceu neste dia. Ela era uma atriz, ativista e anarcofeminista. Após um casamento forçado aos 17 anos, se tornou ativa nos movimentos feminista e socialista, participando do movimento pela paz cristão-socialista. Depois de fundar um jornal anarquista, no qual escreveu seus próprios comentários sobre violência de gênero e desigualdade, ela foi presa pela polícia e o jornal foi fechado. Em 1911, ela foi presa pela última vez por fazer parte de uma conspiração para matar o imperador Meiji. Foi enforcada em 11 de janeiro de 1911, tornando-se a primeira mulher a ser executada no Japão moderno.

10 de junho de 1924 (Itália)

“Eu fiz meu discurso, agora você prepara o discurso fúnebre para mim”. estas foram as palavras que Giacomo Matteotti, socialista e antifascista italiano, disse aos seus companheiros de partido após seu discurso no parlamento italiano, quando denunciou corajosamente a fraude eleitoral fascista e sua violência contra oponentes políticos. Ele sabia dos riscos que estava correndo e do que Mussolini e seus capangas eram capazes, tendo sido vítima de suas agressões, mas continuou a lutar contra o fascismo apesar dos riscos. Seu último discurso fez Mussolini perceber que somente a morte o faria parar. Ele foi sequestrado e morto pelos fascistas em 10 de junho de 1924 e seu corpo foi encontrado apenas dois meses depois.



25 de junho de 1878 (Kanaki)

Depois de serem forçados a se mudar para reservas por colonos franceses e perderem suas terras ancestrais, os kanaki decidiram contra-atacar. A rebelião kanak na Nova Caledônia começou neste dia, quando guerreiros indígenas da Melanésia mataram quatro policiais coloniais. Logo o movimento de resistência se espalhou por toda a região de La Foa, numa tentativa de retomar a posse de sua casa após 10 anos de colonização francesa e mais de um século de opressão europeia. O exército francês respondeu brutalmente para reprimir a revolta, matando 5% da população kanak e deportando milhares de pessoas para as ilhas próximas. A resistência kanak continua até hoje, com uma grande revolta ocorrida na primavera de 2024.



20 de julho de 2015 (Curdistão)

Neste dia, um ataque suicida foi realizado pelo Estado Islâmico em Suruç, no Curdistão do Norte. O objetivo do ataque era o centro cultural de Amara, onde centenas de membros da ala jovem do Partido Socialista dos Oprimidos (ESP) e da Federação das Associações da Juventude Socialista (SGDF) estavam se preparando para cruzar a fronteira com a Síria para ajudar na reconstrução de Kobane em meio ao estado de sítio. O resultado do bombardeio foi de 34 mortos e 104 feridos. Tanto o governo turco quanto a polícia foram acusados de contribuir para o ataque como parte de sua colaboração com o Isis. Logo depois, o estado turco conduziu uma série de operações de larga escala contra o PKK, incluindo uma campanha de bombardeio no sul do Curdistão. A violação do cessar-fogo pela Turquia levou ao reinício das hostilidades em andamento.



29 de julho de 1987 (Etiópia)

Thomas Sankara, presidente e revolucionário de Burkina Faso, fez um discurso em Adis Abeba em 29 de julho de 1987, onde promoveu sua visão de uma Revolução Popular e Democrática, não apenas para seu país, mas para toda a África. Neste discurso, ele propôs a criação de um bloco econômico africano contra a influência europeia e norte-americana e tentou convencer os outros governos africanos a não pagar as monstruosas dívidas ocidentais e, em vez disso, investir esse dinheiro em saúde pública e educação. Poucos meses depois, em outubro, ele foi assassinado por Blaise Compaoré, ditador de Burkina Faso até 2014, durante um golpe de estado apoiado pelos governos dos Estados Unidos e da França.



Juventude em Ação

**Em todo o mundo, a juventude está a reclamar a iniciativa!
Aqui compilamos algumas das acções que tiveram lugar de
fevereiro a abril de 2025.**



GALIZIA

Em abril, a Revista Lêgerîn realizou uma turnê por cidades galegas, encontrando jovens para conversar com eles sobre movimentos revolucionários, sobre a realidade galega e para apresentar o paradigma da modernidade democrática. Os jovens presentes enfatizaram a importância de se organizarem como jovens e de combaterem o fascismo.



ABYA YALA

Em 17 de março de 2025, dia em que Alina Sanchez, Şehîd Lêgerîn, foi martirizada em um acidente de carro em Heseke. Em 2017, jovens de Abya Yala inauguraram uma Academia em seu nome: “Pela defesa da vida, da mãe, da natureza, da terra e do território.”





INDONESIA

Em abril de 2025, jovens da organização ABC+ worker e de outras organizações reuniram-se em Jacarta durante o Dia do Livro de Öcalan para ler escritos de Abdullah Öcalan retirados do seu livro Sociologia da Liberdade.



MALI

Muitos jovens e mulheres se reuniram em Bamako, capital do Mali, para o Dia Mundial de Ação pelos Livros de Öcalan, em 4 de abril de 2025. Houve uma apresentação sobre Abdullah Öcalan, suas lutas pela libertação das mulheres no Curdistão, a Revolução de Rojava e a Batalha de Kobanê. Ao final, o apresentador declarou: “Que o Estado turco saiba que enquanto Öcalan não for livre, não haverá paz neste mundo.”

PAPUA OCIDENTAL

Jovens de Papua Ocidental iniciaram um projeto para construir uma casa de aprendizagem, afirmando que desejam “construir a base para que este seja um dos pontos de aprendizagem para encontrar as raízes da nossa história tribal – nossa cultura, com o paradigma líder Öcalan e a Jineolojî desenvolvida em nosso contexto local”.

ÁUSTRIA

Na Plataforma Popular Internacionalista, na Áustria, centenas de pessoas se reuniram para discutir como encontrar um caminho comum para o futuro. Como Revista Lêgerîn, apresentamos as últimas edições, participamos de workshops e entramos em contato com jovens de diversos países.



Se quiseres que partilhemos as tuas ações na próxima edição, envia-nos um email para legerinkovar@protonmail.com com algumas fotos e informações sobre elas. A juventude de todo o mundo está a organizar-se e a agir, junta-te a eles!

Recomendação de Filme de Lêgerin

CAPERNAUM

A CIDADE DA ESPERANÇA

Disponível em árabe ou com legendas.- 2018

Capernaum significa caos. Descreve uma realidade em que crianças pequenas se encontram perdidas e sozinhas em uma cidade grande, bagunçada e suja. Elas vivem dia após dia para sobreviver a uma guerra que está sendo travada contra elas. Esta história nos ensina como ter uma vontade forte e manter vivas as visões e a esperança diante do caos.

O filme acompanha um jovem chamado Zain, que vive em circunstâncias terríveis em um dos bairros mais pobres de Beirute. Seus pais não conseguem sustentar a família financeiramente, e por isso vendem a irmã de Zain, Sahar, que ainda é uma criança, para se casar com um homem mais velho. Zain tenta impedir e intervir, mas não consegue e decide fugir de sua família. Ao longo do filme, o filme avança e retrocede, mostrando Zain sentado no tribunal processando seus pais por terem dado à luz a ele. Como um menino de cerca de 12 anos chega a essa conclusão? Zain percebe que seus pais deveriam ter assumido a responsabilidade de garantir que as crianças que eles geram tivessem a chance de viver. Ele os acusa de gerar tantos filhos sem poder cuidar deles ou construir um futuro para eles. Portanto, ele quer que eles se posicionem em relação às suas decisões perante o tribunal.

Em Zain, vemos a ascensão do espírito de uma criança em busca de algo, o coração de uma comunidade que ainda não foi domesticada e adaptada para funcionar em uma sociedade fragmentada. Ele desenvolve uma consciência política, tendo uma visão da possibilidade de uma vida melhor, menos negligenciada, nem separada de valores nem governada pelo dinheiro. Sendo uma criança curiosa, mas séria, Zain é leal e moral por onde passa. Cuidadosamente, ele percorre a cidade sozinho, mantendo seus valores e esperanças vivos. Zain está sempre se esforçando para encontrar

uma maneira de levantar sua voz contra a injustiça e a crueldade do mundo que conhece. Ele rapidamente encontra uma nova família com uma mulher etíope imigrante ilegal e seu filho bebê, de quem ele começa a cuidar como fazia antes com seus irmãos mais novos. Ele sempre protege a luz da esperança dentro de si em sua busca por uma vida melhor.

Diante do tribunal, ele tem permissão para contar toda a sua história. Em suas acusações, ele não está atacando seus pais pessoalmente, mas sim toda a crise do sistema. É visível que as leis do tribunal não podem ser cumpridas na maioria das sociedades pelas quais ele deveria falar. As questões levantadas por Zain são essenciais para cada sociedade, abordando o problema da ilegalidade dentro dos Estados-nação, o casamento infantil, a pobreza e o trabalho infantil imoral.

A diretora Nadina Labaki oferece um retrato autêntico da desesperança da sociedade de classe baixa e dos imigrantes que sofrem com a ordem mundial capitalista. Com este filme, ela questiona o sistema no qual a maior parte da população é oprimida e explorada globalmente. Continuamente, ela expõe o antagonismo que uma criança deve sentir em relação à própria vida, sem saber sua idade, sem poder ir à escola, tendo que se separar da irmã e encontrando outras crianças abandonadas na rua. Ele é tático em relação aos adultos e afetuoso com seu novo irmãozinho. Sua moral é clara e ele está determinado a proteger seus direitos. Fortemente convicto e sem medo de quaisquer lutas que possam surgir em seu caminho, Zain é um exemplo de uma busca revolucionária e natural pela qual cada um de nós já passou. **Este filme nos lembra de retornar a esse sentimento e dedicar nossas vidas, assim como ele, à luta por justiça e a nos aproximarmos da verdade** ●

Quem somos?

Lêgerîn é uma plataforma de media mundial construída por e para a juventude revolucionária internacionalista. A sua linha ideológica está ligada ao paradigma da Modernidade Democrática desenvolvido por Abdullah Öcalan, proveniente da revolução em curso no Curdistão. A Modernidade Democrática é uma terceira via, contra o capitalismo neoliberal e o fascismo que se alimentam mutuamente e atacam toda a humanidade através das guerras imperialistas, da exploração e da destruição da vida e dos valores da sociedade. A Modernidade capitalista é global e organizada, por isso a nossa luta também o deve ser!

Organiza a distribuição local!

Independentemente da tua localização no mundo, podes participar na difusão da revista e de outros materiais e na divulgação da perspectiva ideológica do paradigma da modernidade democrática e do programa político do confederalismo democrático. Para isso, podem organizar-se nos vossos territórios para:

- Distribuir fisicamente ou digitalmente a revista.
- Criar grupos de leitura e de discussão.
- Organizar seminários e apresentações presenciais ou online em que um membro da nossa equipa editorial possa participar.



Trabalho interno:

- Equipa editorial!
- Tradução / Revisão de textos.
- Utilização de software como: Photoshop, InDesign, After Effects, Premiere Pro, etc.
- Gestão em redes sociais como Twitter e Instagram e web design
- Poemas, pinturas, escrita de ficção, pesquisa, produção de vídeos

Como participar?

Lêgerîn é construída em conjunto com a de centenas de pessoas que partilham o seu conhecimento, esforço e recursos, que fazem parte de alguma das nossas áreas de trabalho voluntariamente ou que participam ativamente na rede de produção e distribuição dos nossos materiais. Até agora, Lêgerîn tem sido conhecida como uma revista, mas agora, sob esta mesma identidade, estamos a desenvolver novos projectos e meios audiovisuais. Sem o esforço e a organização colectiva do trabalho, Lêgerîn não poderia existir. Especialmente para esta fase atual de criação de novos projectos e para tornar mais eficaz a gestão da própria revista, procuramos atualmente pessoas que possam desempenhar as seguintes funções:

Apoio financeiro e parcerias:

Com a tua contribuição financeira, podes ajudarnos a desenvolver mais material ideológico e de maior qualidade:

- podes fazer um donativo específico com o montante à tua escolha, ou doar todos os meses de forma automática, subscrivendo o nosso Patreon.
- se tiveres meios de produção gráfica, ferramentas audiovisuais e digitais, ou qualquer outra ajuda material que possas partilhar connosco gratuitamente ou a baixo custo, contacta-nos!



Se você está pronto para participar na difusão do novo internacionalismo juvenil, entre em contato conosco!

De onde viemos? Como era a vida antes do capitalismo? Volte às nossas raízes para abrir o futuro - vamos pesquisar a realidade de nossos ancestrais em nossas cidades e vilarejos para encontrar a base democrática da sociedade.

**GRUPOS DE PESQUISA DE JOVENS:
Faça o download on-line!**



A história não acaba
enquanto a juventude
estiver lutando.



Lêgerîn

A revista da juventude internacionalista